EDITORA
CRIAART

MANDÍBULA ELEATA

VITAL CORRÊA DE ARAÚJO

Copyright © Vital Corrêa de Araújo 2021
apenasvital@gmail.com
https://www.facebook.com/USINAVCA/

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio ou processo sem a devida autorização do autor.

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa: Criaart - criaart@hotmail.com

Conselho Editorial:
Docentes da Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul/FAMASUL (Palmares/PE):
Admmauro Gommes
Gleidistone Antunes da Silva
Marcia Maria da Silva
Maria das Graças Santos (revisão textual)

Seleção de textos, Coordenação Editorial e Revisão: Admmauro Gommes

FICHA CATALOGRÁFICA

Araújo, Vital Corrêa de, 1945 –
MANDÍBULA ELEATA/ Vital Corrêa de Araújo. –
Aracaju (SE)/Palmares (PE). Criaart, 2021.
164p.

1. LITERATURA BRASILEIRA. 2. LITERATURA PERNAMBUCANA. 3. POÉTICA. 4. CRIAÇÃO (LITERÁRIA, ARTÍSTICA, PLÁSTICA ETC) 5. POESIA ABSOLUTA.
6. CRÍTICA E INTERPRETAÇÃO 7. BIOGRAFIA. I. Título

ISBN 978-65-87230-10-8

Impresso no Brasil – Abril 2021

Índice

1. REALIDADE.....41
19 HAICAIS.....45
2. ACONSELHO VITAL.....41
3. AMADA É.....43
4 POEMAS.....40
4. AVENTURA DE ESPÍRITO.....43
A AÇÃO CRIADORA DO ACASO.....142
A CATEDRAL EM NOVE ESTAMPAS.....116
A ESTIRPE ETERNA.....50
A FÓRMULA DO CAOS, QUAL É?.....48
A POESIA É NOTURNA.....55
A SORRELFA OU SOMBRA DE DÚVIDAS DE VCA.....31
A TODAS AS NÁUSEAS.....47
A TUA INSÔNIA.....104
ACONSELHOS.....143
ADENDA.....89
ALERGOLOGIA BÍBLICA.....75
ALGUÉM.....28
ANTE.....54
AO LOUCO E SUBLIME HOLDERLIN.....53
AO TEMPO.....96
ARCO DE ESTAÇÕES DO CORPO.....74
ARREIOS, URNAS E BOLHAS DE
WALL STREET S.A.....124
BÁRBAROS VIRTUAIS.....34
CENAS DE ABSINTO.....72
COTIDIANUS.....49
CREIO QUE A POESIA SALVA A ALMA DO
ROMANCE.....27
DAMOR.....49
DE NÓS.....98
DE VENENOS.....86
DESASTRE GRÁFICO.....52

DITAME NOTURNO.....85
E TUDO FOI NAUFRÁGIO.....125
EDIFÍCIO DE RUÍNAS.....94
EINSTEIN FREUD.....48
EM POEMA.....67
ENGATILHO PALAVRA E ZEN DISPARO
PERFEITO.....57
ENTERRO DO TÍTERE RICO.....73
EPÍGRAFE DE OCTAVIO PAZ.....19
ESSA VIDA.....127
ESTREMADURA.....126
ÉTER.....54
ETERNIDADES.....68
FAZEMO-LA (NOVAS CONFISSÕES).....105
FILOSOFOPOEMA.....140
FLUXO NOTURNO DE INCONSCIÊNCIA
SEM ALMA 3.....36
HALOS.....108
HIPOCRENE.....135
ÍLION DE JOELHOS.....87
ILUSAS NEWS.....143
IMAGEM E DESEJO.....39
INDEFINIDA MEDITAÇÃO À TARDE.....139
INDO ALÉM DA POESIA.....11
INVASÃO: CARAVELAS NO HORIZONTE.....77
IR AO VOO.....86
LÁUDANO E HINO.....121
LEMBRANÇAS LASCIVAS.....66
MAKTUIB.....103
MEU CORAÇÃO.....79
MINERADOR DE INFINITUDES, O POETA.....119
MONÓSTICOS NO FACE.....60
NIHIL.....58
NOTAS ALGO LÍRICAS
(OU SORTE DE MEDITAÇÃO).....70
NOVOS APOTEGMAS SOBRE IRA (SORRIA).....78

NÚMERO DO SILÊNCIO.....106
O POETA COMBATE COM O ANJO.....51
OLHOS DE AQUILES.....95
ORIGEM.....129
PARA CATIVAR A FEBRE.....145
PASSOS EM CRUZ.....102
PERPLEXO POEMA VITAL.....17
PIEDADE. PIEDADE.....59
PÓ LAVRES.....138
POÇA DE HINO.....115
POEMA A ESMO.....133
POEMA À ROSA.....99
POEMA DE 03/10/2017.....30
POEMA INCOMPLETO DOIS.....34
POEMA QUASE LIBERTINO.....136
POEMA WALDEMAR LOPES.....81
POEMAS SENTIDOS.....100
POÉTICA MEDICINAL VITAL UNIVERSAL.....91
POLITICÁLIA.....128
POR QUÊ?.....122
PRECES SEM MARFIM.....44
PROPOSTAS.....142
QUERER.....61
RÁPIDA ETERNIDADE.....103
RESSONÂNCIAS DE ONTENS E AMANHÃS.....23
REVELAÇÃO (RASCUNHO DO FUTURO).....72
SER E TRÓPICO.....29
SETE DITAMES DE BAUNILHA.....69
SILÊNCIO ESMO.....90
SOBRE VCA OU SOBRE O QUE SOBRE DE SUA SOMBRA NA OBRA.....110
SONETO PRIMEIRO.....38
SULCOS NO PERGAMINHO.....114
TECER, IRRESPIRAR E AMARO.....111
TESTEMUNHOS.....76
UM NOVO OLHAR SOBRE VITAL.....13

V.....55
VAGO POEMA DE SABOR.....101
VELHO SAL.....120
VERDADE:.....123
VERDADES SEM MÁSCARAS.....50
VERSETES.....65
VINGANÇA ÍNTIMA E NUA.....130
VISÃO VITAL.....89
VISÕES NÃO FÍSICAS.....144
VITAL QUESTÃO.....70
VOU AO PAÍS DA MARAVILHA SER FELIZ.....109

VITAL DEDICATÓRIA

Ao ancho côncavo cálice profundo lúcido
lustroso e ilustre umbigo estrela do corpo.

Apresentação

"Mandíbula eleata" é título que eu escolhi baseado em dois grandes pensadores que viveram há cerca de 2.500 anos. Heráclito de Éfeso e Parmênides, filósofo grego natural de Eleia, antiga cidade onde floresceu uma escola filosófica pré-socrática.

Eles eram originários de duas ilhas jônicas, criadas e colonizadas por gregos, localizadas na Ásia Menor, não muito próximas.

Heráclito, até hoje, exerce grande influência tanto sobre pensadores e filósofos, quanto os que vivem de negócios e lidam com as recentes teorias sobre a criatividade, a exemplo de Murilo Gun.

Heráclito, considerado o Pai da Dialética, mantinha os "pés no chão,' enquanto o outro, vivendo na mesma época, flutuava, de tão etéreo. Para ele, o ser era só ser, imóvel, fixo, dentro da lógica aristotélica, onde a coisa é, ou não é, não podendo ser duas coisas, ao mesmo tempo.

Heráclito defendia a coexistência das duas possibilidades, ao mesmo tempo. O ser é ser e não é ser. A coisa é e não é, simultaneamente. Graças a isso, Heráclito ainda em nosso tempo é muito discutido no mundo todo.

Um era justamente o contrário do outro. Por isso, quando falo em "Mandíbula eleata", ligo o filósofo de

Éfeso a Parmênides (que praticamente não tinha dentes, no lugar da dentição havia "nuvens", por isso ficava pairando. Assim, provoquei um choque entre a mandíbula de Parmênides e o pensamento eleático de Heráclito. É uma forma de homenagear dois ícones da filosofia, sob a égide da Poesia Absoluta.

VCA

INDO ALÉM DA POESIA

Admmauro Gommes
Poeta e professor de teoria literária
Xexéu/Pernambuco

No meio do caminho tinha um poeta. Controverso. Diverso. Anverso. Vital Corrêa de Araújo atravessa a literatura. Atravessa sem fazer a travessia. Ele mesmo é um caminho torto, gauche, modulando as palavras em formas d'água, ora em atanor, tenor de uma poesia laica e lírica, ora sentando-se à mesa com Heráclito e Parmênides. Síntese dos contrários, o poeta traduz a filosofia para a poesofia. Recria-se a cada instante, pois a invenção da linguagem implica na criação de um novo (e mesmo) ser.

Certeza, certeza, não se tem. Mas sabe-se que "Só a álgebra do tempo/resolve o passado/ e questiona o futuro." Neste haicai, Vital invoca o passado para prescrutar o devir e cruza a cordilheira da literatura que afronta tempo e espaço. Em constante desconstrução, vi os versos sendo vértices de ângulos poéticos adormecidos ganharem vida, como os ossos que ressurgiram à voz de Eliseu. Um monstro da poesia visitava Palmares.

Assim me surgiu Vital. No meio de minha poesia, na "vida de minhas retinas tão fatigadas" (Carlos Drummond de Andrade) o poeta avolumou-se em metáforas de aço e labirintos de si bemóis, como no

poema *A Estirpe Eterna:* "Vi (...) reluzente apocalipse estacionar/ sobre meu rosto escuro." O lutar com as palavras drummondianas, também possui a versão Vital:

> O combate com o anjo
> se dá no ringue da página
> teatro onde as letras
> estraçalham o sentido
> tablado retângulo branco
> arena da luta imortal
> do poeta com a palavra.

Embora Drummond tenha dito que "lutar com palavra seja luta mais vã", VCA desconsidera a advertência e avança, corcel selvagem, em direção à quebra dos sentidos que um termo possa esconder. Em nome da poesia, o inventor de estigma, cansado de instigar o anjo para que perceba a humanidade entranha os versos, rende-se, em nome de sua arte: "à luz do gás prosaico/ poeta deixa cair à altura/ para sobrevivência do poema *(O Poeta combate com o Anjo)*.

Percebo uma traição em quem escreve: todos os mundos imaginários e negações orbitais não passam de meras perscrutações ao centro de seu próprio universo. Não há mundos exteriores fora de Narciso; nada há no poeta que não seja reflexo inverso de suas interrogações. Para ler Vital Corrêa de Araújo, por exemplo, é preciso ir além da poesia, amparar-se em Freud para ver se algo se explica. A incógnita não está nos versos, mas no poeta.

UM NOVO OLHAR SOBRE VITAL

Wilson Santos
Professor Universitário e poeta
Palmares/PE

Aprecio um poeta, não pelo verso somente, mas pela sua vida, sobretudo nas entrelinhas: sentimento, pensamento, comportamento, crescimento, conhecimento... indicador de sua maturidade, escuta, atenção, que também nos faz crescer.

E assim, interpreto o escritor Vital Corrêa de Araújo, nosso poeta maior, como metamorfose transformada em química humana, especial, no caminhar por esse arco-íris, colorindo um fazer no mais profundo interdisciplinar, sem conceitos, nem busca de respostas arrumadas, de um olhar filosófico, cujo ponto de partida, por certo, foi o tradicional, chegando a um amadurecimento: *"Narciso, não sou curioso senão unicamente da minha essência"* (ARAÚJO, 2017: 7).

Esse retrato é o grito que ele pode enxergar, dar, em reciprocidade, na troca do abraço, do "chero" do olhar denotativo, ou conotativo, necessidade do entregar-se para juntos, vivermos essa partilha, dirigida pelo fenômeno ilustrado de suas obras, Grande Vital, alimento cognitivo que nos lapida no sentir literário: "E sua poesia absoluta puro delírio" (Op. cit.: 2017:78). Um delírio fazendo-nos viajar pelas delícias de seus pensares, que nos contagia, pela

inteligência e sensibilidade, nesse mundo de ideias e motivação para um florescer individual ou coletivo sempre... sempre... sempre!

Fala-se na criação do mundo, o homem ser a própria imagem do Criador. E a sua imperfeição é talvez para torná-lo homogêneo em sua ida à Terra Prometida, metaforicamente, confiante de um amanhã fértil, quem sabe, sem a miséria da fome, da peste, do desencanto da desigualdade social em diversidade vivida. Encontrarmos aqui, o começo do céu... Isso é possível.

E por aí, esse Mestre se espalha, inventa, descobre, nos ensina que a Literatura é obscura como a própria vida: "A palavra não desaparece, só o homem finda, continua o verbo: imortal e infinito de Homero e Neruda" (Semata). Imortal e infinito, fazendo a cada um de nós, em suas obras, nos compartilhando, e delas, nos sentindo donos, ou eternos, na multiplicação entre seus adeptos, satisfeitos, orgulhosos, felizes, tornando-nos grandes, nessa fatia de sua imagem, presente da Mãe Natureza, com seu abraço cheio de sorriso, calor, que nos enche de prazer...

Como as florestas e o mar, o mundo, as cores, os amores, o sol, no seu brilho, a lua no seu encanto... tudo tem a sua função no encontro com esse humano vital em nosso caminho. Parafraseando Moraes (2012), o inconsciente mostra-nos uma terceira dimensão, além do psiquismo e do físico que se expressa em nível de consciente e inconsciente: a

dimensão humanística. Assim é Vital, com as ilimitações humanas (ARAÚJO, 2013: 39):

> "A linguagem poética é forma, não substância, é sistema, não nomenclatura. Por isso nunca alcança a realidade. É muito além da literatura, a poesia não imita o real"

Sua poesia, ou prosa em beleza de arte, é o encontro harmônico do saber - no contexto - a época, o ambiente, a cultura de um povo, transformando-o conforme seu alcance. A linguagem vitalina absoluta movimenta o coração, movido em um corpo, e nele uma semântica contemplada no abrir das cortinas de cada amanhecer.

É assim que me sinto diante de seus versos, de suas citações, amado Vital, fervendo a minha alma: energizada na paixão do escrever, no encontro com o meu ser. E nesse encontro, o infinito literário, acordado de um passado sem forma e sem limites remetido ao presente para um futuro que já se faz, se vive Vital, nossa estrela maior da constelação literária.

Suas obras, repito, não as conduzo numa estante morta, fria, como livros quaisquer, mas em saco, embalagem natalina, um presente que gostamos de receber, ter para toda a vida, bem guardado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Vital Corrêa de. **Semata**. Recife: Bagaço, 2017.

_____. **Hímen de Mallarmé**. Recife: Bagaço, 2013

MORAES, Renate Jost de. **As chaves do inconsciente**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

PERPLEXO POEMA VITAL

Zé Ripe
Cantor, compositor, graduado em Letras/FAMASUL.
Membro da Academia Palmarense de Letras (APLE)

Hoje, eu queria fazer um poema sem forma, diferente, monstruoso, avesso. Um poema sem nexo, complexo, perplexo. Quis dizer de todas as formas, informal que me enchesse de vazio, posto que estou cheio de tudo que de nada me serve. Histórias repetidas que todos contam, alimentando meu tédio e sendo coletivo. Não só me livrar das rimas, e dos versos metrificados, porque isso não é o problema. O problema é fazê-lo sujo, pobre de tão óbvio, como tantos na bestandade de auto se promoverem. A métrica não faz poesia.

Olhem os versos de Luciah Lopez, são como nuvens de pássaros a voar. São livres e soltos por labirintos indecifráveis, inimagináveis sonhos de amor, como um exercício mental e crucial à vida contextual literária, no aguçar do intelecto ao novo e nunca se conter. Mais livre ainda o pensar poético, e quisera eu, o fizesse como faz o Vital Corrêa Araújo. E ainda assim não me atreveria dizer-me, menestrel, como de fato ele o é, e não se diz, a Poesia sim, é absoluta. E eu queria apenas-mente erguer um poema de mim sem algemas E por fazê-lo hoje, e só hoje seria eu, o "desinfeliz", como diria meu amigo Manga Rosa, noutro planetário.

Um poema viajante, sem começo nem fim, como uma nave perdida tentando sair do buraco negro,

querendo ver-se dia encharcado da escuridão. Se hoje ainda não o faço, um dia o farei, e acordarei num tão grande clarão, que não veria nada do que não fosse vital. Que não me fosse isso. Fingido como o Pessoa, e pessoas que nada sabem de amar, muito menos de amor e poesia. Hoje, eu queria fazer um poema vital. Metafórico abstrato Vital.

Parte I
MANDÍBULA

Confesso que costumo roubar crepúsculos
e moedas de lua velha (de prata encarquilhada).

EPÍGRAFE DE OCTAVIO PAZ (ALICERCES DO POEMA ABSOLUTO)

1. A irrupção de expressões prosaicas no verso que se inicia com Victor Hugo e Baudelaire e a adoção do verso livre e do poema em prosa foram recursos contra a versificação silábica cansada e contra a prosa concebida como discurso rimado.

2. Nem todo poema – ou para sermos mais exatos nem toda obra construída sob as severas leis da métrica contém poesia. Um soneto não é um poema mas antes uma forma literária, exceto quando esse mecanismo retórico – estrofe, metro, rima for tocado pela poesia.

3. A linguagem de Eliot recolhe a dupla herança da prosa e do lirismo: despojo de palavras, fragmentos de verdade, o esplendor do renascimento inglês (com a revelação industrial espoucando das entranhas da velha Álbion tudo aliado à miséria e à aridez espetaculares da tentacular urbe moderna (que Baudelaire denunciou). Vide Benjamin.

4. O mundo moderno perdeu o sentido e o testemunho mais cru dessa ausência de direção é o automatismo da associação de ideias que não está regido por nenhum ritmo cósmico ou espiritual, mas só pelo acaso. Para o homem moderno, tudo lhe é estranho (inclusive o humano?) e em nada ele se reconhece. Quando toca outro corpo humano, não

roça o céu como queria Novalis, mas penetra numa galeria de ecos. As flores do mal, de Baudelaire originalmente era limbos o título, e Terra devastada, de Eliot, não representa o Inferno mas o Purgatório.ema vital. Metafórico abstrato Vital.

RESSONÂNCIAS DE ONTENS E AMANHÃS

Toda letra e toda página são confessionais

Começo um texto que não sei o que será. Ou o que não dará. O espírito só fornece o primeiro verso. São duas horas e alguns poucos minutos do dia três de novembro (2016). Duas, três doses acalmaram a mega sede, afinando a ponta de gel da caneta nova. Sinto que guardo velhos sons e antigas ressonâncias de ontens e amanhãs em mim. Os livros de meu pai que compulsei e revolvi com ávida ânsia me projetam dor e amor. Rituais sons melosos e tristes de campanários ressoando sobre a relva viva da noite expio. Sinto sim sons úmidos algo salinos e malévolos gritos insípidos, cones rugindo do esôfago (de uma pedra de catedral pecaminosa). De repente, me arrebenta a nudez do cio e como não me aquieto choro e gemo. Sei que escrevo esse texto no corpo, não na alma. Explorando abismos desertos, ou mesmo cegos, indomadas verdades ou ascéticos dutos de velhos relicários abandonados da alma.

A imaginação emudecida acorda a meio de silêncio insuportável (e violento). Sei que estou no texto, mas não existo. Escrevo-o a mim mesmo, não a outros. Falo a mim homem oco impotente (e árduo). Que possui pálpebras negras como golfos azuis tintos ou pranto azeviche ou riso redondo plantados na boca. Se já não posso escrever, segue o texto como armadilha da escrita, pois toda letra e toda página são

confessionais, sórdidas passionais (como todo poema é inocente e perigoso). Como toda culpa é inocente e vertiginosa. Ao ardor de extintas chamas, cinzas ubertosas, escrevo. A cada gesto nu do mundo escrevo. Toda a descrença espalho no papel espelho. Rumino poema com esnobe galhardia prossigo o texto com soberbo orgulho calado. Rosto imóvel, tez rachando, zênite empalhando-se, a escrita corrompida galgando páginas, edificando abismos na alma já meio dissoluta, por culpa do mundo e fortaleza da carne.

A terceira folha expressa irrelevante pó. Um país de silêncio se aproxima. A dor perdura. Céus se emaranham como ratos nascituros ávidos. Como desejos se entranham. Conversas se convertem em tropos mudos. Busco lugares abandonados, ermidas arruinadas. Penetro a vida das palavras com o falo do lápis em riste, sinto escuridão do corpo, desdita e exaustão, além de madrugadas íngremes... e topázios ou bazucas de zero setes incautos (ou gozo). Sei que a vida é sozinha, o tempo um deserto só. Abismo, amigo de todas as certezas. À débil voz, anuncio tudo e nada. E que olhos não são para ver. Que desejo já não existe. E que é necessário e vital dizer o que nunca foi dito, tudo o que as palavras ainda não disseram. E que confessar é impossível. Confessar é fraudar-se. Não ser. Confissão é ter ilusão de pecar.

Ama-se o que não é (em si e no outro). Eu mesmo só amo o depois. Ao antes, iro. As perdas é tudo. O silêncio é vivo. Se a última palavra fosse do poeta, e do

último alento saísse algo bom, se a última vontade fosse irreconhecida, então algo valeria a pena ser. Talvez. Mas... é a vontade do texto que permanece, impera, domina. Morrer e não morrer, portanto, se equivalem. E ao labirinto confuso e curvo das palavras, nós entregamos a sina escrita. Debruçados do abismo, sonhamos com céus impassíveis e vagarosos, cúmplices do não ser que somos. Pelo emaranhado das palavras deste texto, procuro o destino afinal. Sabendo que o último sopro não vale o esforço.

CREIO QUE A POESIA SALVA A ALMA DO ROMANCE

Creio no nada que salva.
Ou na salvação do nada.
Na laia e na parafernália
da lua metálica ou de metano mecânico como asas de anjo
creio nos olhos da lauda e no laudo da lata.
Ou melhor, crês, hipoleitora fálica.
Se crês em mim... cruzes...

Poetas limitados (talvez não, sim)
houveram de interpretar o verbo
quando deveriam tê-lo sim
arrebentado, de dentro para fora
do interior para a borda.
Hás de transformar a palavra, não interpretá-la.
Urge a metamorfose verbal
em uivo de rato embarcado.

Sonho possível, gratuito, apto, não
é sonho, é pesadelo vigilante, dispara
leitora qualquer.

Como anjo em choupana, é esse
texto enraizado em irrazão.
Pulsando como falo impotente ou não.

Tédio ou nada, eis o dilema
que esse texto enfrenta.

Se o cume da existência é um poço
de fundo ciúme

se o branco rumor corrompe
até elefantes, se migalhas
se agarram a mandíbulas, se
ossos são só silenciosos, se
ousas, leitora inapta, ler-me
(ao romance inaparente), então...

ALGUÉM

Alguém tem meus cílios leprosos
alguém fechou-me as pálpebras velozes
as portas, as caixas, o futuro
alguém dourou meu outono
com ourivesarias falidas
com pérolas crápulas
ouros tolos
esmeraldas perversas
falsos marfins
rubis devassos, ardis
com safiras impuras
alguém decorou meu ocaso
com cor de tânato
alguém demoliu meu nome
e ao pó entregou meu rosto, quem?

E alguém roubou os cálices
dos lábios da náusea
fez fulgir o abandono
fez o vômito luzir. Quem?

SER E TRÓPICO

Sou áspero, duro, infinito como o cacto
lixa árida, graveto cônico, árduo e cavo tronco
sou rural e a canção da vaca tange a minha rede
solitário e plano como caatinga ou orvalho
bando de garças descuidado desvairado ombro
acolhe
sou ser entranhado na manhã e noturno
sou silêncio, tempestade e voz de pedra surda
luz do cardo ilumina-me a mão
a bordo da alba sigo
velejando por estrela de greda
da órbita branca inóspita de vândalo gado
entre carcaças das vacas do sertão e silêncio do
olho.

Os ossos do futuro vejo
e a verdade pétrea fincados
na geometria dos búzios do capim
clavículas de pássaros vejo (o esqueleto do voo
abro)
junto à abóbada dos crânios
que estrela crestou.

Da varanda infinita de minha choça toco
as ventas surdas do universo
e os chifres de boi do tempo
domo com a mão
e o olhar pétreo da lua tropical finco
com esmero ótico
e elegância nua.

POEMA DE 03/10/2017

Escrevi ontem um poema alcoviteiro.
Estava em desuso e a barba parecia duas navalhas
cegas.
Estava me discriminando muito e me acotovelei
num ângulo... felizmente era um ângulo de outubro.
E o orvalho havia enlouquecido. A relva... porém
tinha forma de crucifixo.
Mudando de trapézio em meio à luta
da geometria bêbada com uma aresta estulta
confesso que costumo roubar crepúsculos
e moedas de lua velha (de prata encarquilhada).
Dentre meus irredimíveis crimes está o dia de
proteger moças viciadas em roubar livros e
metê-los, ensacá-los nas minhas sacolas.
Tal sacada sobra pro poeta gentilizado.
Amanhã vou roubar um espelho com sol dentro
e dois simulacros de esmeralda distraída
além de um turbante e uma chávena.

A SORRELFA OU SOMBRA DE DÚVIDAS DE VCA

Sonhei um rio esquecido
de margens réprobas
atravessado de talvezes
e adeuses loucos.
E abri meu pântano íntimo
à incúria de meu pensamento torvo.
E senti: infelizes para sempre
os poetas absolutos, posto que (amiga)
a tensão plena do absoluto poema
enfermiza o espírito ordeiro do mundo
o absoluto verso é verme de remorso
(que corrói como rato), obscuro signo
torpe verbo que engana barro, ilude
todo sentimento, alonga dor desconhecida.
Cavaleiros... primeiros...
não é rima... pois o grito é impuro
como o ouro do silêncio
ou ossos de hóstia, ou hostes desonestas de anjos.

Então... poesiAbsoluta não é...
não é deformação do verso.
Nem ordenação do mundo
beleza fácil de ritmos edulcorosos...
é deflação de sentido
não inflação de piedade e sentimento.
Eis que o sonho à sorrelfa obsedia
e eis-me à beira da ínfera laguna
solitária acossado de perdições.
Assim, ebuliça o sangue irado

no entorno do coração
pois a ira avermelha a vida...
veias incham como mortas carnes
intumesce a cólera estrangulada
como víbora ou ebola
irado rubor toma o rosto
da face aflui o lodo (em icto)
o esgoto da fauce avança
pelo corpo presa da alma vândala.

Pálido torna-se o carmim
a ira incandesce estatuto do leitor
desse poema intestino e brutal
cólera ocupa alma amiga
tomba o sal do espírito
encurralado nas palavras (mau)ditas
só fumo se vê ao lado
da névoa viva do verbo enlouquecido
à lateral do rumor que brilha
no interior do verso
se acende a vida
sobre escuro vômito da aparência.
A ira é vermelha destra
a inveja branca cinza.

Romper concórdias e honrar
madeixas serpentuosas, pois, se
leitor óbvio não capta o oculto
sob véu do verso, não hesite... não
retire, não vede a veia poética
absoluta, interrompa torpe leitura.

Não perturbe nem instiga
aleto em repouso incansável
esta mãe dos maus pensamentos
não se increpe à ira vital
de Tisífone de más palavras
nem a tempestuosa Megera
mãe do verbo acicate, delas
nascem as crueldades da poesia.
A virgens estéreis não ofertes
falo que pulse em ritmo
de verso e senso
nada estranhos.

De ávidas dúvidas ensile o verso
ou conteneizere-se
das águas absolutas da poesia ouça
Aqueronte gerar da noite do verbo
as três filhas que urdem enganos
servas que são da soberba, aias
de Prosérpina rainha.
Busque – amiga da dor da poesia-loucura-lodo
que à poesia incita a esquecer Medusa
busque pois o logro das coisas sabidas
cesse-se... e em Euríale ache
a lata e exata profundidade
da loucura poética absoluta.
Fúrias soberbas e sensatas
do vértice da torre alta do verbo
esperam com o verme do remorso
no vaso aberto como veia
do poema irresoluto. 25.09.17

BÁRBAROS VIRTUAIS

Hoje os bárbaros destroçam a sala de jantar
mas cremam poesias, não poetas... ufa!
A poetas não incineram, castram, emasculam
poetas com torquês de verso, golpe de rima.

Chegam à sala de sua mente, bárbaros
entram em sua nuca com lanças, escudos
rifles soviéticos, chuços euclidianos, pedras astecas
da caatinga, facões deletérios mas não azuis

trazem carcaças para juntar às nossas.
A modernidade huna não é supérflua.
São zumbis ianques feras abrasileiradas, ferrenhos
e pisam nossa realidade com botas conectadas.
Tudo se resume em: ovos de aço, falos de ferro.

POEMA INCOMPLETO DOIS

(DA HORA DO ÂNGELUS DE UM ADRO DE 2000) ao cruel abril da página

Vocábulos de cavalo (e ternura) me chegaram
à boca incompreendida (ou selvagem)
esperei na página urgente vertigem
(deparei-me com paredes incompreensíveis)
aguardei na página montagem prosodial
vórtices da sintaxe em riste
até mesmo o suicídio dos sintagmas graves
espasmódicos paradigmas em delírio
expus a nu o pensamento (vesti de som emoção)
rol louco das palavras exibi à alma

esperei paciência e tempo trespassá-los
seu alfanje selvagem confrontado
ante fervor silábico da boca
ante sinfonia feroz e branca dos dentes
ante mastigação mística dos pecados
perdão caudaloso ouvi
a saliva de Deus umedecendo o espírito
inapropriado dos homens
ante deglutição do poema final
senti se irmanarem tormentos
decepções de mãos dadas como cônjuges
dores comungadas fora dos domingos
estrofes abortando no berço da lauda
colmeias crucificadas no próprio mal
morte ainda respirando
livros inacabados na caixa de lixo das editoras finas
cruzes do descaminho edificadas
.....

dados desconstruídos com graça
prazeres indomados e felinos
e adjetivos em triunfo pleno
e os dias acelerados como pulsos
à pulsão da morte noturna expostos
(até os recobrir impiedosa pátina
revelá-los os ossos das cinzas de março).

E continuaram a nitrir
cavalos dos vocábulos.

(PS) Para a leitora completar os três versos vazios.
2007/2008

FLUXO NOTURNO DE INCONSCIÊNCIA SEM ALMA 3

Poemas através da noite
(Sinfonia verbal para partituras de sal)

Eis anoitecer difícil
que fogo dos anjos exalta
e éter da luz ateia na alma
eis que o limo da solidão rebrilha
e a água da poesia lava
a dor poeta.

"Eis a pedra que rola escadaria acima
eis a rola que arrulha na ravina
eis a derrota da deriva ethérea"
(eis profeta Barahona
dervixe Antônio).

À esquerda, alma deserta
à direita, mistério da treva

e na lagoa celeste
que é os olhos da criança
poema rupestre.

Às abissais cores diárias
aos bisturis e lâminas do verbo
às palhas da agulha
e aos podres do futuro.

À borboleta que é a alma.

Busque nas pegadas das estrelas
as sílabas meu nome, amiga.

Arraste o brilho das nuances
até o deserto do meu rosto
explique aos aluviões os rins da safra
e não culpes as pétalas falhas
pelos insucessos da rosa
seixos rolantes em escadas de nuvem ou jade
não construa
não atice música azul
ao som de pelicanos planíssimos.

Entre dois copos de tempo
uma horda de vento
e um pote de cintilações amenas.

Flutua uma manívora
e uma derrisão de flores lentas flutua.

A nuance do cipreste é triste.

Eis que perfila no silêncio
trem ferruginoso e atento
com bois de cambraia mugindo
entre flores afegão e puídos alentos.

Que do indomado mar amniotical vê
palavra nascendo do tempo.

Que a noite orgulhosa do teu corpo
amigo te tenhas com ternura.

Que do umbigo da rosa renasças
e eu te tenhas como amiga
irreal ou não, pura de mácula, nua de alma.

SONETO PRIMEIRO

Sibilas se alimentam de hibiscos.
E exalam profecias de acrílico.
Moiras nutrem-se de tâmaras desertas
colhidas ao redor de tendas beduínas.
Dos intestinos dos arúspices brotam vastos
vaticínios.
Párocos são viciados em prédicas.
Imperadores empanturram-se de impropérios.
Coleciono vertigens e guindastes.
Hábeis precipícios lapido
à luz das placentas e dos cinzeiros.
Do útero das labaredas nasce fogo votivo.
Assisti à loucura dos pecíolos da última rosa.
Amanhã não é outro dia, é a noite que dorme.
Vate se alimenta de néctar esquizofrênico.

IMAGEM E DESEJO

Eis a palavra que profetas abandonaram
migalhas de desertas bodas de areias e tempo
furado
nuas lamentações e infiéis dos seres.

Impreca o temporal contra a face
a chuva contra a brisa
e o sermão de fogo acende o olho, na quarta à
tarde.

Se antecipam passos
poços abrem-se em teu rosto
(e círculos fecham-te a alma).

Se escapas do circuito dos desejos.
morres no meio da realidade ímpia
do covil das coisas nuas viverás
a estertorar nos braços dos objetos mortos.

Dos cais do nada tombarás nos cálculos da quilha
e os rins da noite marítima hão de devorar-te
inteiro.
Não se trata de lapso ou hiato
entre o inorgânico e o surreal
apenas o absoluto intrometendo-se
entre as palavras da realidade, como gerúndios ou
canastra.

4 POEMAS

A poesia é a descoberta da condição humana
em sua essência que a dor subleva.
Noite elementar da palavra.

Sempre morremos à noite.
Prove o contrário.

Noites escritas no corpo claro
com tintas amareladas ou náufragas
diluídas em lince e azeites animais.
Onde lemos a última manhã
e morremos.

Ao sal do último sol
ao silêncio cíclico sem fim
aos sábados jovens
a nossas sombras
aos aquários sonâmbulos
estes quatro poemas.

1. REALIDADE

Perante o infinito e a morte
orgulho não passa de um verme
e vaidade lata.

Que Deus conceda-te aspirar
ao que esteja a teu alcance
(Péricles)

Seda brilha mais do que estrelas
lodo só ilumina sarjetas.

2. ACONSELHO VITAL

Se no livro do destino, amiga
leres desejos realizados
pronta te suicides
a vida não mais terá sentido.

Transito no espaço morto
semáforo do poema em riste ótico
dioniseando rubendarianamente
baudelaireamente gravitando.

Sempre delineando o tumulto deslindando
(por mais feroz e deformado seja
qual Ducasse de seu cúbico delírio)
do túmulo das estrelas brilho velho extraindo
como purpurina a semear na palavra escura.

No silêncio (quase absoluto) dos intervalos
cósmicos
(que são azuis e longos como o tempo que arde)
o som dos olhos semeio (sonar humano)
e da sombra tenaz claridade arranco

estraçalhando silêncio (sua silente palha)
a instaurar na página terrestre o grito
do espírito estagnado aberto a novas
e inesgotáveis aventuras.

3. AMADA É

Melhor do que uma braçada de flores
ou caminho de rosas.
Amada é muito melhor
do que estandarte de estrelas
ou canção de pássaros na chuva
melhor do que qualquer grinalda
ou estuário de joias.
Amada é melhor
do que primavera, constelação de desejos
sorvete de baunilha com crosta de chocolate.
É melhor amada do que puré de gengibre
cardume de alvoradas, atilho de codornizes.

4. AVENTURA DE ESPÍRITO

Sírius, o cão de Órion
acena do casulo das estrelas
para bosque noturno
onde luz é árida, terráquea.

E a terrena sombra
na falha da relva se espalha
como britadoras assacadas
sobre pedras fraudulentas.

Toco a coroa boreal
a tiara de Ariadne toco
concedo ao poente
seu clamor luciferino.

PRECES SEM MARFIM

O âmbito dessa vida tão surdo
torna-nos nulos. Abrigados da intempérie
perecemos, a alma exausta retira-se
da cena imunda do mundo. Nada nos faz
retroagir da indecência e do descuido
pelo espírito que se espoja no luxuoso lixo.
O madeiro da cruz, a boa lenha da alma
tudo já não nos consagra, só amarga.
Gerador de ira instala-se na vida mais íntima.
À frente da vida ocidental, gira moeda mundana.
Num palmo de tempo, numa pegada de sopro
vão-se os únicos resquícios da vida humana.
A cruz em troços, o rumo omisso
graduada a dor com mérito analgésico vital
o caminho do Gólgota estrangulado.
O sofrimento já não suporta a humana indiferença
seca o martírio, sura Cristo. Hoje
usurário joga a ação da vida
contra mortal (ou transitório) dividendo.
Do átomo anônimo ou vândalo
de tua luz ilumino a alma nua
escuro espírito em puro pânico
na carne desmedida indiferente ao sopro
alma que erra por escusa da vida
e erma busca ainda o grão lúcido
a porção dividida, o termo perdido
adentro de meandros noturnos sigo
sem a esperança da clareira curta
e sem quedas que o sangue não resgate

o ser do mundo prosaico é que sinto
a distante poética como lugar sem retiro
apenas vão que a dúvida conquista
enleia a mais falsa teia
a mercê da dor dialética negas
a esse teu ser sem sentido ou amparo
da palavra livre e humana.

19 HAICAIS

(21 de maio de 2015)

Do outono do crisântemo
ao inverno farto das rosas
festejo a cereja.

Lentamente olho
lado escuro da alma
sob véu da sombra pura.

Só a álgebra do tempo
resolve o passado
e questiona o futuro.

Mesmo o velho apocalipse
parece metafísico
mas resolve a alma como gozo.

(Ou apocalipse é pouco?)

À esquerda da amendoeira
sol se lança
sobre cerejas.

A leste da tarde
murmura a oliveira
(a haste do alecrim mora).

Da fresta da nuvem
nasce a lua
pêndulo do céu.

O fim da noite é a manhã
e o amanhã o fim de hoje:
eis o dia a dia da vida.

(Até o apogeu da morte
esse sol de lágrima
essa luz tão cega: gume e auge).

O estrídulo da cigarra
parece lixa ou música
de casca de árvore.

A oriente do céu
lua grávida
do sol ocidental.

Tanto cacto
quanto cardo
coroam a caatinga.

Pare lua cheia
Deus extático e esteta grávido
para apreço dos olhos.

Mastigo uma alface enquanto
moscas copulam
no meu prato.

Monótono tom de átimo
tênue unitom de elétrons
monitoro no poema.

À sombra do canavial
pela avenida dos pendões
até a coivara atrás da fagulha.

Dos três lírios
do campo da vista o aroma
vivo afeta a narina e o uivo.

As facas da chuva
assaltam-me o rosto
com golpes de gotas.

Pés de águas
nuvens de chuva despejadas da bacia
do céu se alastram pelo solo como rastilho de
pólvora.

A TODAS AS NÁUSEAS

a Sartre

Ao limbo do silêncio branco.
Silêncio não é impotência.
Pequenas hecatombes normais.
Corriqueiros touros ao abate.
Abismos gêmeos.
Hipocrisia se refina.
Vigência da vaidade plena.

A FÓRMULA DO CAOS, QUAL É?
Branca, dizem... sua cor

Súbita lágrima do cerne do ferro irrompeu
como gotas de gusa das pálpebras
assim como o som da construção
ecoando linhas descontínuas
da bermuda triangular do verso
comprimindo sólida rima o poema abriu.
Assim como asa de anjo recurvo
de plástico cristal reverbera
como eco branco ignorando narciso
poema levanta-se da página
seta sem norte alvo sem ventre
e assim que se vale o céu do chão
o tempo imóvel ainda arde como um grito
de unguento, como um lamento sem alento.

EINSTEIN FREUD

Einstein dixit:
Um peido de borboleta em Singapura
causa dois terremotos em Portugal.

Freud complica:
Se um casal completa o ciclo de
25 anos de pombinhos ridentes
algo está errado: um ou dois cônjuges
sãos não são mais.

Algum cromo de abril deixou na pele de março
marca menstrual, cruel estampa, algo mensal talvez.

Algum sal de abril o olhar deixou
impresso em pó (talvez da saudade).

DAMOR

Te amo como se aves fossem nuvens
ou céu intenso pássaro
e o horizonte poleiro de luas emplumadas.
Te amo como Deus ama o que criou
como se as cinzas voassem ao léu de mim
o pó se arrependesse
e os sais da ressurreição crescessem,
Te amo como cavalga a égua o cavalo.
A cópula não é poluta.

COTIDIANUS

Naves ruem no mar revolto
ratos roem o rimar do porto
abandonando devassos conveses
às vezes saltam da proa alta
antes que as amantes
do capitão escapassem.

À devoração pela aurora lúbrica
de cores libidinosas
à volúpia das manhãs dos seios
que as mãos apanham.

VERDADES SEM MÁSCARAS

Narciso morreu envenenado
bebeu da fonte de água estragada.
Telêmaco não era filho de Ulisses
mas do porqueiro Eumeu
conforme memórias ocultas de Penélope.
A libertina e bela Penélope exibia
por toda a Ásia e casa a casa da Ática sua
infidelidade
como troféu ou insulto.

A ESTIRPE ETERNA

Vi minha estirpe beber como cães
vi chacais rasgarem-me os ébrios olhos
sob um céu cambriano e vagaroso
(lesma de espuma galáctica em correnteza)
e o sangue ímpio, Araújo, correr como lobos
ratos na estepe, areia ao vento beduíno.
Vi a mágoa invadir o rosto
a lágrima congelar-se
vi a cruz das cicatrizes
o martírio devoluto
a dor desencadeada
e o olhar de João pousar sobre destroços
reluzente apocalipse estacionar
sobre meu rosto escuro
intempérie cair sobre o nome
ulcerações prosperarem, a página morrer.

O POETA COMBATE COM O ANJO
(Como Rilke)

O combate com o anjo
se dá no ringue da página
teatro onde as letras
estraçalham o sentido
tablado retângulo branco
arena da luta imortal
do poeta com a palavra

à nuvem alvará do linho trava-se
prélio com a palavra diária
pugna soberba do anjo do verbo
com o homem comum desata-se

mácula do poema fica na alma do tempo
como cicatriz viva florescendo
à inocente sombra da lauda

dor palavra promulgada
com o alicate de sintaxe das estrelas
na crucial assembleia das sílabas exarada

na turbulenta vertigem dos adjetivos
veia escura esvaziada
de cães e rumores rurais
à luz do gás prosaico
poeta deixa cair à altura
para sobrevivência do poema.

DESASTRE GRÁFICO

A edição princeps de minha obra incompleta
não saiu do prelo, ficou presa, imprensada
na moenda tinta. Os prelos se desentenderam
os editores enlouqueceram, o descontrole fluiu.
O prefácio atrasou, rasgaram o índice onomástico
(e VCA virou onanista sarcasta).
Roeram as dedicatórias, ruíram as epígrafes
morreram os líteros alicerces, o branco velório
escarneceu a tarde e morderam-se as páginas.

A essência do poema saiu às pressas
(que aniquilam o verso) pelo ralo.
O olhar vazou o rosto... a máscara foi ao lixo.
A edição-príncipe gorou por culpa exata
dos prelos prosaicos e homens abastados
absortos em náuseas pontuais imersos
em bacias de usura puríssima.
Ao hímen entocástico
e ao delito literário.

AO LOUCO E SUBLIME HOLDERLIN

A louca largueza da noite me contempla.
O noturno em mim saboreia o verbo.
Ao culto nunca diurno me devoto, vivo.
Sinto Holderlin rodear-me
e de sua diva loucura me sacio, felizmente.
A noite é refúgio e semente
mais forte que as vicissitudes inúteis
do dia, que não é nada durável (como uma
geladeira).
Das mediocridades fujo, delas me livro
livro a livro, pena a pena, uma a uma.
Ao asilo temporal da noite me recolho
o poema no alforje noturno (e vivo).
Ao poeta escuro, a religião
da noite reza. E translucida.
Os que nunca chegaram ao ninho
ao colo, à mãe da noite viva
desistam da poesia. Só a diurna
a insombrada prosa os aceita.

ANTE

Ante a 13ª folha branca chego
ao amparo de um cubano charuto (cinza)
e 12 doses da metálica vodka danzka (líquido).

Não se dispersaram ainda os eflúvios
líricos dos etanóis dinamarqueses... continuo.

Ao longo do esplendor lírico ou alcoólico não
sucumbo.
Sigo o rumo líquido do poema incessante.

Lassos os elos e as amarras, vou além do pó
desarmado espírito livre que a incansável
eternidade instiga contemplo a poesia.

O eterno habita os olhos, ao infinito
traço a corromper o branco da página
a tormenta segue, milênios passam
palavras jazem aos pés da mão
e se levantam como muralhas
de densos labirintos verbais.

ÉTER

O éter insondável ilumino de imenso.
Diviso ao fim do poema, noite perpétua
de Pascal para quem a eternidade
do cosmo convocava. E o rosto de
Deus jaz no fim de cada poema.

V

O longevo esplendor me ordenha.
A melancolia terrestre me açula
mas não resisto ao úber belo.
As ondas do insondável me buscam.
Ao noturno éter – que me comove
sacrifico. O entusiasmo me transporta
além, muito além das barcas de Caronte.

A POESIA É NOTURNA

À noite material da alma.
À noite primal da poesia.

Indizível felicidade me traz a noite do Retiro.
Junto – ao pé – da amoreira noturna olho
grandes morcegos e um bacurau passa, soltando o grito
o breu da noite limpa do páramo etéreo me cega e aviva
o entusiasmo. Os séculos eram rápidos para mim
presa da noite atemporal e minuciosa.
A presença da Poesia era estridente
Magnificando-me, era estrondosa e firme

o resplendor da arte letrada.
Num lapso de instante, aboliu-se o tempo
e, ante à noite imóvel, vi o fugaz em mim
o universo suspenso ajoelhou-se na página.
Os espaços absolutos me percorreram, os olhos

do espírito se acenderam, todo o literal
esfumou-se e lúcidas estrelas me apaziguaram

(com seu cacto de luz).
As águas do tempo, seu rumor líquido, ouvi-as.
Ondas de trevas e praias escuras me ouviram.
Uma espécie de transitória visão me reteve.

Todos os pudores abolidos, resta o eterno.

Todos os poderes lassos, resta o homem.

Todas as vertigens reunidas, sobra o ser.

Vidente, contemplo o tempo, vejo a eternidade
perto de mim.

Seu labirinto crônico penetro, ouço as ramas
da árvore única do Éden. Crio a escavação
de mim, escavo o íntimo, palmilho todo
o aquém da alma, cedo-me à poesia.
O eu interior é gozo, não é naufrágio.
Um raio de treva me desperta... e escrevo.

ENGATILHO PALAVRA E ZEN DISPARO PERFEITO

Branco alvo da página miro
verbo preparo bem detido
poética pontaria apuro
aprumo a poesia no crivo da lauda
a prumo.

Com perene contemplação
sem temer não disparo (em vão)
à mira da palavra atento
como câncer ao pulmão.

Lírico calibre da arma escruto
potente munição 575 eclode
como que colibri do galho
e de plúmbea imagem intertece todo o papel (e
alma).

De suma atenção insalivo a palavra e engatilho
e zen... fluxo ígneo e vermelho
satori arrebenta.

NIHIL

Então, não repito:

esse romance (?) fala de nada e
da vida totalmente sempre, amém.
Para nós (eu e o romance) o homem
é impossível, mas não impassível.
Também. Sulcos abre ele no chão
pobre da modernidade tardia.
Tadinha.

Sob céu vagaroso
a safra de Hermes caolho colho.

Repudio o vômito
e a voz da náusea.
Úmida ou não.

PIEDADE. PIEDADE.

Tende piedade
de minha carne gusana

Ó, tende piedade
do meu espírito fraco

Hábito. Tende piedade
do monge mal vestido

Embola. Ó, tende piedade
da vertigem e do circunflexo

Catraca. Tende piedade
dos últimos pinos

Cravo e canela
tendem piedade de Gabriela

Tende piedade dos sábados
Vinicius de Morais

Palavra. Tende piedade
do poeta

Basta de tanta piedade, Senhor!
As piedades cansaram.

MONÓSTICOS NO FACE

Amo jade noturno e lua inclinada.

Flagro na tarde de seda sigilo macio.

Luz em destroços, lume deserto, gatilho de brilho.

Sempre passeio antes da lua dormir.

Toda mulher é Maria.

Crepúsculo metálico alumbra céu plúmbeo.

A ampulheta de Proust é o imaginário.

Ávido madrigal de desejo teço.

Incúria abre caminhos.

O ácido da vida é puro.

O gozo da vida lauto e duro.

Abismo atordoa.

Ferragem de sonho construção da ilusão.

Ósseo esquálido falo esqueleto de anelo.

O arroio do gozo afaga dúvidas e dores.

QUERER

Como Anacreonte
quisera ser sandália
para viver a teus pés

ou túnica para que me vestiras
sempre nua em mim.

Quisera sempre as carnes
eloquentes de tuas ancas cambiantes
cúmplices de meus turbinados olhos esgazeados.

Que teu ser fosse eu... e em mim
de teu gozo sempre desfrutasse

que teus seios vivessem
de minhas destras e eretas mãos

e os mamilos como ovelhas ou mesmo milhos
das colinas (ou galinhas) de Cedar
mordessem os meus dentes.

Parte II
ELEATA

O silêncio de Pitágoras contempla
as planícies da alma, olha
sais nascendo, e a lua
bebendo o leite celeste
entre os catetos do universo

VERSETES

Et nuezas do verbo Vital
Tua pele arte, teus ângulos de carne
curvas ósseas, estruturas ávidas lascivas, linhas
retas, rotas, certas, espertas
diásporas e poros acesos: corpo.
Ao ópio ergo jarro de haxixe lírico.
Valores são para sempre... romper.
Caos prêmio da inquietação.
Bônus a poesia.
Minha angustiada busca do absoluto me predispôs
tanto à plena devassidão quanto ao mais
puro ascetismo. T.S. Eliot

Fora da mesquinhez da vaidade, da fé e do dólar
encontra-se a poesia.
A tudo que engendre
poesia dê valor absoluto.
O pendor libertino, a coragem de ousar-se
desprezo de regras (gramaticais ou não)
e ortodoxias viscerais
revisão da seta e do alvo:
traços do caráter poético atual.
Valha a diáspora vital entre
o rigor do pensamento e a aspiração ao absoluto.
À beleza lírica e astuta de mais carnal volúpia.
Senecta impotência não exclui volúpia vital.
Volúpia livre de tempo e lugar.
Beleza nada mais do que
esperança de felicidade. Stendhal.

Poemas engraxadas de complexos sintagmas sutis.
Depuração de estranhos efeitos tolos.
Doravante, não mais és (ó viva matéria!)
que granito rodeado de vago horror. Baudelaire.
Sobre ambições infinitas... e já enferrujadas
mijo em cima acidamente.
Do trato intestinal das leguminosas
trata o poema.
À parvoíce majestosa do espírito brasileiro.
Não só porcos amam.

LEMBRANÇAS LASCIVAS

Seios esferas de doce saliva
ancas redondas como o paraíso
lua os olhos com que sonhava de dia e de noite
a cabeleira era semelhante à noite
que enchia o quarto quando ela os soltava
é o de que me lembro dela
e algo de outras da rua do Rangel
Ela tinha 49 anos... eu...19
Esqueci o nome dela... Não importa... Era ela
como quem ouvi 30 pores de sol... em frente da
boite Mauá.

EM POEMA

Ao ébrio cérbero
O cão do inferno de cem cabeças insones
cuja cadeia é Indonésia
Ao homem, esse emissor de sêmen valente.
À eternidade, esgoto do tempo.
Ao tempo fatigado que escoa
pelo lento declive das horas cansadas desdobrando-
se
pelos ângulos da náusea.
Ao mistério das bíblicas serpentes desde Adão.
Ao pesadelo diáfano.
A espelhos que refletidos em outros enlouquecem
criando a ilusão de ser autônomo ou eterno.
Ao ilusório dom da vida sem valor.
Às indissolúveis serpentes do tempo.
À jararaca que vai devorar o Brasil
se não parar seu veneno
esmagar sua cabeça, destroçar suas presas atentas.
A oroboro, título do próximo livro de VCA
(lê-se também de trás pra frente,
contém 3 'os,' 2 'erres 'e um 'bê' central
cercado de oro como uma ilha de água por todos os
lados.
Poemas sobre paramentos do tempo cardeal
e relâmpagos em Galápagos.

ETERNIDADES

Há mais de duas eternidades, há mesmo
pluralidades dela
pois numa só eternidade não caberiam os infinitos
segundos
ou nanossegundos do tempo.
Monósticos de súbito
Ao rouxinol de Keats, devorador de horas.
Consuma e seja.
Leão platônico também morde.
Aproveito aqui no brejo os dois crepúsculos sobre o
pântano
o que turbina meu ânimo
o crepúsculo do início e o do fim do dia.
Ciclo diurno.

SETE DITAMES DE BAUNILHA

Sílabas de pássaro voam
hiatos de marfim brancos.

Quantas maçãs impunes
comeu (ou comeram) adãozinho?

Mortalhas série e viras
não concordam com teu cadáver.

Em pleno gozo da solidão.
Orgasmos de solidão.

Toda orquídea é casta
qualquer penumbra é válida.

À sombra fria
de uma rosa erma.

Agro vento de amargura sopra
tua vida à beira da lua.

VITAL QUESTÃO

Qual a cor do limbo?
O limbo é branco ou vermelho fogo
encarnado puro ou branco pálido?
É uma ilha ou um dom o limbo?
É seu contorno púrpura ou pardo?
Qual intempérie o exalta
Como ele expande sua náusea?
Que circulação o atiça
quanto úmido é seu claustro?
O limbo é cartaginês ou asteca?
Nele, vingam-se ainda velhas parreiras de átiças
que o moinho dos pés de Ulisses ataca
para desespero dos filhos de Poséidon?

NOTAS ALGO LÍRICAS (OU SORTE DE MEDITAÇÃO)

Só vivo quando não escrevo.
A nudez dos dedos é adorno para seios nus.
Quando mais eretos, mais suaves seios.
Crítica surda à verdade lírica é defecável.
De tranquilas querelas
com a palavra solidão
(verbo utópico, preciso, urgente, ávido verbo)
vive a obra vitalina.
Poeta cria regras vesgas.
Na longa relva do céu estrelas

pastam luz sólida e clara solidão.
A culpa da crise é de Capitu.
E o peso desapareceu das coisas quando
irrompe com fervor e sem náuseas exatas
só com alto viço na lauda o poema absoluto
(não amais o viço da náusea, mas o hábito
do por vir do sentido absoluto se instala).
Num poema de ritmos vermelhos
contei a história da sombra
(dedico a Jung).
A imaginação literária em ato
o potencial imaginário do homem
atualizo em poema, realizando assim
a poesia é fração vital (e fractal)
íntegro fragmento, poço da experiência
do mundo.
Portanto, para poeta (para sê-lo)
não basta escrever verso
mas desenvolver a mais adequada
concepção do mundo, da vida, do ser.

REVELAÇÃO
(RASCUNHO DO FUTURO)

Só existe o sexto sentido.
Além do sétimo, o sentido do poema absoluto.
Os famosos ordinários cincos sentidos
servem a um fim falso redutível.
Os nossos ágeis e superiores sentidos
criam imago mundi fictícia.
Que sirvam a romancistas, talvez, mas inapropriam
o poema.
Serem os 5 sentidos só para, por razões
justas ou não, criar factoides da vida.
Simular o mundo, inventar o ego.
Aos deveres da aparência, apetecem.
São o mundo aparente.
No qual mergulhamos inocentes e incessíveis.

CENAS DE ABSINTO

a Rimbaud e Baudelaire

Ante cálice do pleno e ébrio licor
absurdo me senti (e ab-sinto muito por isso).
As minhas sedas desertaram
torsos nus fugiram para o tempo
à beira do ribeiro do inferno meditei
ouvi o orvalho (seu ósseo rumor alado ouvi)
a relva me sussurrou algo úmido e obtuso
como uma folha de amora seca

o canário me confidenciou sua dor
então acordei com o som seco da taça vazia.

Senti então o morto dobre do sino em mim.
Seu peso negro e lúgubre me abater.

Não havia luz. Apenas a visível escuridão
do poema absoluto (e sua oculta intenção).

ENTERRO DO TÍTERE RICO

Assembleia oblonga de lágrimas
abria-se no aquário
à falta de lenços decentes do velório.
sobre o vidro que isolava o rosto morto
parecia brotar suor.
O que apressou sobremaneira o enterro.

Pátios frios de lado da catedral rochosa
cujos vitrais eram efígies de satã
e ângulo
                altar morto (mosaicos)

formavam um cenário estranho (e fútil)
que o poeta captou
com sua pena em riste elevado
(falo de palavras), embora
uma vírgula gramaticalmente correta
destaca-se todo o baralho de poema.

ARCO DE ESTAÇÕES DO CORPO

I

Esse inverno cheio de tédio vão
(águas selvagens frios comoventes)
esse verão brilho de cão
canícula se alastrando
como escorpião
pelo ventre do solo
violino aluvião
pelas clavículas do sol irmão
a primavera e seu fulgor insincero
tão inquieta quanto teu coração
as estações enfermas
o ferrão de Deus
as catilinárias do sertão
mar como cemitério
sem perdão.

II

Dos lírios branca sonata
e aroma que porvir espalha
(pelo coração celeste das amêndoas – não amadas)
da magnólia alma declara
sua afeição mais rara ao cravo
sempre ativo ao lado dos círios
(no mais augusto ou humilde velório)
dos lábios da rosa ao rubor da ave

que inventa a cor da tarde emboscada
do coração impuro dos poetas o pêndulo.

III

Sono nos olhos pousa
fruto do assombro da pálpebra
ou da incerteza da palavra poema

perante outono do rosto
resta tristeza, mosto
                ou triunfo da morte.

ALERGOLOGIA BÍBLICA

Alérgico Abraão ao pó prometido de Canaã
desistiu do sonho errante
                e foi ser copeiro em Ur.
(A Torre de Babel (de papel?) continuou
a erguer-se (da pena e do pranto artesão)
os edifícios do céu choraram
suas quânticas lâminas (vítreas e cruas)
eletrocutaram anjos).
A Abraão incomodava
segundo seu não irmão Aarão os "as" do nome
além de fios de feno fenício
excesso de pedregulhos dos pés
e futuros fungos púnicos.

Ele tinha cartaginesa certeza de existir
(embora anacronicamente se perdoasse).
Pois é hábito do escriba mesclar
sensações histéricas a aventuras da palavra.
Abraão então passou a crer no "a"
ajustou as pálpebras contra pedras
achou seu destino bíblico no poema.

TESTEMUNHOS

Mil canículas devoraram o sal
cêntimos de árabe suor escaparam da alma
tetrarcas brancos olharam o soslaio

enquanto luas frágeis fugiam dos assustados oásis
e das rosas asiáticas feridas de intempéries
para ilha das lâmpadas metropolitanas

(antros escurecidos pela usura violenta
em meio a invencíveis lutas desatadas
pelo domínio das perdas, absolvição dos danos).

Violadas sementes aguardaram o outono
com acre subserviência e ledo espanto
desinências se desesperaram, aparatos sofreram

enquanto quandos e entretantos minaram
rosto de sobretudos, nascentes mortas, sintaxes
podres
horas decompostas, máscaras arruinadas
porque corrupta erva errava na avenida interrupta.

INVASÃO: CARAVELAS NO HORIZONTE

À flor d'água arrecife se posta atento
vígil impede que no porto invasor ancore.
O rio se faz óbice. Os escolhos vigiam.
Penedos e veigas se abraçam em cópula marinha.

Penha das águias se irmana
com trincheira de areia.
Onde são barreiras brancas (imóveis represas).
vivas muralhas os abrolhos levantam-se em defesa.

De pedra Recife imenso rasga
peito da batava armada.
(mas a força impera. A praça é assaltada).

E Holanda assustada se tranca
na Cidade – Tróia cercada
pelos odisseus nordestinos, príncipes da raça.

NOVOS APOTEGMAS SOBRE IRA (SORRIA)

A ira é o dom dos raivosos.
Embora ira cure, sua posologia mata.
Embora não seja frígida, não é prescritível.
Ira não prescreve, nem vence ou perde.
A ira tem um irmão maior: o furor.
Ira dispensa educação. É autodidata e indecorosa.
A ira torna árido o coração.
A ira da turba é turva.
Nunca ature ira, devolva na medida.
Ira cívica pendura
títeres pela mandíbula. Ou cunha.
E comemora furiosa vitória.

Ira é cara, custa às vezes os olhos da cara.
Ira cega não se vê a si mesma.
E muito custa para quem dela seja escrava.

Ira nunca pode ser exata, a ira não é matemática.
Toda ira é desmedida. E soberba.

A ira não é avara e famosa
por ser desmesurada.

À ira irás, leitora tola, se não saíres
do estado de cólera que teus olhos declamam.

A ira é ácida e sua espuma salgada.

No meio da ira encontra-se a raiva
esperando para acompanhá-la.

A ira é longa, a arte fraca. E o furor ara.

Ensoberba-se e irado apotegme a mim de volta.
Ou proverbie.
Aforismo raivoso lance sem escrúpulo
a quem te estenda a mão bondosa.

Ir à ira? Não vás!
É que são ele.

MEU CORAÇÃO

(versos disponíveis para cartões postais do Facebook)

O tema do coração claustro de protestos atraiu muitas visualizações, então, bom, vale. Daí, continuo.

Meu coração é um louco calabouço de espigas (para aves e vestais)
messe de estanho e alvorada, banda de câmaras ardendo

triunfo que o sangue exibe como sino, pêndulo
rubro
a pulsar que decora as veias, balanço vivo
bomba culpada, horto de paixões, silo de pêndulo e
medo pois
tâmara para a madura mordida da vida
cilha de corcel rumoroso, relha de cavalo fálico
vale de cordial ovelha, pampa e ânimo, páramo
encarnado
e válvula de chamas.

Meu coração é um rebanho de azaleias
surda tundra de cor escandinava, água húngara
lixenta cigarra, caudaloso músculo, bomba vital
desafinado instrumento cordial, de batida baldia
rubra bomba, espantalho de sal e haste que
gargalha.

Pudica manada de desejos
do limo da vida encaracolado.

Meu coração: súmula de lamentos
tempestades de abelhas
forja de desalentos câmara escusa
casta hoste de sangue, tímida máquina iconoclasta.

Meu coração é uma tarde de ruínas
triste templo de gazelas noctívagas
dúvidas de náilon, certeza vendida
trama bursátil, fráguas de hefestos
sina propícia, usina famélica, terrina de cio rubro.

Meu coração é uma pastagem anestésica
de gamos ensandecidos e linces atormentados
liça de pétalas, palco de rosas, ser unitário
casta tímida, boia escarlate, geoide
tímida configuração de corças
prado de hienas cívicas
roda de agave, fortaleza de cetim
muralha de lírios, pálpebra de rosa
rama de pássaro, pilha de culpa, hulha e
naipe sarcasta, matilha de pássaros
invenção de manhãs, périplo de flores amáveis
catre de devoração, amanhecer carnívoro
do teu coração.

POEMA WALDEMAR LOPES

Há um licor de palavras
cheio de lumes e seivas
repleto de olhos de estrelas
num cálice azul dormindo
capitoso e iluminado
poema waldemarino
que incita oceanos rápidos
alumia almas e escuros
dessedenta céus e pedras
e lança nos rostos breves
coivaras, longos desvelos

tornando o leitor parceiro
de belezas indomáveis
escavadas no silêncio
do poema bem lapidado
com cinzéis do imaginário
e buris do encantatório.

Waldermar as realezas
ilusórias menospreza
mas com astúcias recupera
(da Ítaca beneditina)
os doces arsenais da infância
supridos com as escamas
dos cardumes nos jiquis
donde se derramam sons
de sonetos submersos
magistrados da palavra
imperadores do tempo.

Vinga o sonho (e a magia)
no átrio da Arthur Muniz, sacro
relicário de amigos
do imenso poeta maior
onde o reino da palavra
novel rei vai dilatando
a quila e o empório do verbo.

Dos sábados debicados
quantos poemas Ele espalha
como se fossem lentilhas

aos canários canoros
da transubstância adeptos
hieráticos, atentos
ao sacerdote supremo
(Dom Waldemar Freire Lopes)
que os canteiros da palavra
semeia, oferta, arroteia
corpo e espírito em amálgama
sacramenta, sulca, crava
o verbo e a rima na página
da alma onde avulta e germina
a árvore do soneto
(o pássaro da palavra).

Eis que sinto Waldemar
alcandorado de amigos
num dos sábados do Atlântico
da távola cavaleiro
par e líder literário
no torneio do soneto
onde Iraci é rainha
e a poesia prêmio avaro.

Nos altos prélios sabáticos
do reino de Waldemar
Lopes de loas e pés
anapésticos ou trocaicos
espondéicos ou iâmbicos
o assunto ou norte é o soneto
liça do bom decassílabo

na segunda e sexta e décima acentuados sem
artifício
em torno da mesa o poema
mediado pelo espírito
do álcool ou do ótimo litígio
em volta do qual peleia
vasta hoste de amigos
nas assembleias do verbo
que reumaniza vidas
e traz Deus para tão perto
que entre as letras de um soneto
de Waldemar Lopes sente-se
das criaturas da palavra
o alento do Criador junto.

É da noite de teus olhos
que nua nasce a claridade
Waldemar Lopes e a treva
como círio consumida
todo o escuro debelado
as nascentes ressurrectas
enchem da luz da palavra
os odres de odes supremas
as crateras dos sonetos
as taças das elegias
cálices de redondilhas
e vasos de ditirambos.

Ler Waldemar é sentir
os regozijos do corpo

os entusiasmos da alma
lantejoulas de silêncio
rendilhados da beleza
e acima de tudo ver
lépido rouxinol voar
dentre as folhas de seus livros
para junto de Iraci
voltar a beber idílios.

DITAME NOTURNO

A noite-mãe é quem dita o poema.
Maternalmente, acolhe a palavra
o útero verbal é ameno.
Noite real e elementar.
Não só devora luz, abole luar
única que aclara recônditos, revive-os, a fundo.
Inacessíveis recantos do ser lambe.
Só coração da esfinge é fiel a ela.
Que a almas perdidas se devota.

DE VENENOS

A alba é venenosa. Ofídica, nada pressurosa.
E como rosa se vai
como rosto corrompe-se
e como alma... foge do tempo.
Tempus fugit é meu nome vital.
Se recebo iluminação da noite eterna
é que sou poeta. Et pour cause...
Resplandecente umbral de cinza sou.
Aparto velo que destroça o esplendor.
À viagem visionária pela lauda
devo a Beatriz, não a Dante (e aos que com ele
viajem).
Ao intenso Homero, não a virgílios.
Não vim de um inverno do ano 1.300
mas de um inferno bem atual (22.11.2015).

IR AO VOO

Até ao longe azul voo.
À umbilical altura vou. Sem que
nenhuma claridade me capture o espírito curvo.
Bruscamente rompo as algemas e dores
de quaisquer manhãs sem tino liberto.
Ao entusiasmo noturno me devoto
a jaula do dia desprezo. À luz de
ressonâncias líricas me dedico. E com

cristalinas e profundas melodias do ocaso
me visto, delas me amparo... e vivo.
Selos do enigma noite abre
desolação definha.
A empenhos do amor e da morte
oponho vislumbre vivo da poesia.
Entre o ser e o nada sou... que serei.

ÍLION DE JOELHOS

Ante ira equilátera de Aquiles

Ilíada fortaleza ajoelhada
aos irados velozes pés de Aquiles
de olhos endiabrados

cavalos de Ulisses abrindo
abortado útero de Tróia

fogo grego avança
sobre vísceras e crânios troianos

delirante Cassandra reverberando
tendas do porvir em chamas, sua voz louca
revolvendo
como ancinhos proféticos afiados
as cinzas do futuro
qual graveto ao surdo vento atiçando o devir.

campeia no recinto das horas que cambaleiam
martelos de fogo irradiam dos olhos de Tífon
atiçados por fragmentos de luz
que Zeus despeja tirando da aljava
raios que atira contra a noite
ao titã de cinza repugna luz
e o imenso Tífon estrangula estrelas.
Sua foice decepa tendões da manhã
(e tangencia a dor dos homens)
que ninfa e atra dragoa guarda
até que Pã e o pânico ensandecem-na
após revolver o intestino das montanhas
que reunidos titãs lançaram ao fumo
Zeus a Tífon penetra
soterrando o Etna para sempre
na indomável Sicília, ilha divina
até hoje Etna exala sua fúria
incêndios evolam, lavas lavam lábios
do impotente Tífon furiosos e secreto
agora, que fulgor inúmero das muralhas
inefáveis do Olimpo clareia a página, moro no
poema.

A história do Ocidente escrita
com letras violentas, o que viria revelado
pelas brasas dos hexâmetros
espalhados num canto único.

ADENDA

Eis eu, eis tu, és eu, és tu.

Ao esplendor dos símiles de Homero
nada se igualha desde sempre.

A cada hexâmetro do homérico delírio
da febre do grego fogo que criou a poesia
uma taça duradoura e ébria
de vinho longo servi ao lábio.

VISÃO VITAL

A portões de nuvens do Olimpo poeta chega
acessa o vestíbulo e o vislumbre
adentra paço de Zeus cativo (de Hera)
em meio de rutilantes fragmentos
que ornam nicho divo
víboras adornam porta inominável
Pã já não ouve os próprios urros

SILÊNCIO ESMO

Caminho esmo, erma sina, os meus
toda ondulação silenciosa da alma sinto
toda ambrosia do corpo bebo
entre sombras de esplendor profundo
cria das estrias do inconcebível sou
adepto do mor negrume
do broche de azeviche
da greda do espírito
onde o submerso dorme
e o balé de pedra ronda
sigo, e sono temível e indevassável toma
meu demônio sonâmbulo, acorrenta-o a mim
sua jugular negra e pura
vigília de vulcão não me alucina ou macula
silêncio do sal dilacera
sonho inabordável que vive
rude samba de meandros
em meio à sombra de labirintos
da treva de prata veloz meus olhos vivem
enquanto alma se ensimesma
dos insinuantes corredores nus
para incólume frevo das paredes do espírito.

Urano Asteróenth urrou (eu vi) quando
Gaia criou o céu estrelado de Kant.

Às Ménades crias do vinho
e às sanhas do frenesi, ofereço

este delírio verbal
brumas do mar branco da mente
ondas de areia do instinto
dunas irrespiráveis da palavra.

POÉTICA MEDICINAL VITAL UNIVERSAL

Xenócrates curava com música
mordeduras de cães danados.

Demônios temem harmonias.

Música fere tarântulas de Apúlia.

Dor é antídoto.

Bálsamo cura aridez.

À funerária redundância do veneno.

Asclepíades receitava com precisão
melodias aos frenéticos
e sais harmoniosos aos desesperados.

Aos indóceis de sempre, poção de cor amara
e doses de tristeza três vezes ao dia.

Aos eufóricos, dois gramas de urina morna.

Hipócrates curava com minúcia
e coentro esmagado à loucura.

Moendo a moenda do afeto até
todo o amor ficar miúdo.

Após aviar o receituário da tarde
Hipócrates urinava na antessala
perto da anestesia.

Nenúfar: refém do olhar.

Haste de luz, achas de som.

Vozes de madeira acalmam o espírito.

São Luís chupava furúnculos
de escrofulosos franceses
e engolia o pus para curá-los.

Engordo porcos diabéticos com ágil melaço.

Ao êxtase gótico dos anjos das igrejas barrocas.

É congênita precisão do míssil.

Touro demole bandarilhas da tarde
e abre cortejo de sangue na areia.

De lástima a pele dos pusilânimes
é de lástima também tua alma, hipócrita leitora.

Em poesia, nada é evidente.
(Cartesianamente desconsiderando).

Tanques chineses para lavagens cerebrais brasileiras.

Fornos crematórios movidos a asas de borboletas.

Rebenta súbito vinho dos velhos odres, lábios afora.

Culinária do desespero. Infortúnio
prato mais saboroso e detestável.

EDIFÍCIO DE RUÍNAS

Ruínas erguem-se dos leitos de trastes
do enorme e curvo acervo de detritos
e gnomos desdentados.

Cães turbulentos do espírito
renovam o areal da memória
vísceras do tempo revolvem
e retiram dos destroços
traços de lembranças.

Ruínas celebram aparatos que foram outrora
glória já escura dos edifícios rútilos que reiteram
em meio à cegueira masoquista dos homens.

À sombra de escombros retratos
de Fênix transitam entre dores
que passeiam chagas sob incêndios de louro.

Só perduram desse tempo impotente ruínas
legado do homem ao futuro
(quanto mais ruínas mais cultura viva).

Oficio das horas, erosão do ócio
hiante destino do rosto a fauce o desabe
e tudo sem retorno.

OLHOS DE AQUILES

A luz do elmo e a gota de fúria
que escapam dos olhos de Aquiles cintilam
no trêmulo céu de Tróia
(como amebas enfurecidas ou solitárias)
que escurece ante tão fúnebre brilho
cavalgando entre nuvens
abatendo célicas muralhas brancas.

Olhos de gata de Penélope lançam
fachos e gotas de luz que enchamejam
elmo lascivo de Aquiles
e escuras ânsias briseidas.

Fúria vazando do coração intrépido e duro
de Aquiles endemoniado ante visão
do seu soberbo Pátroclo e amante
sangrando como corça que leão estraçalhe.

A ira beirando gótico olho do herói
a raiva despejada em jorros sobre vísceras de Heitor.

Inebriado sigo jornada página adentro bebendo
a embriaguez de Homero.
Ao sublime vate lendo como se olha uma estrela.

O urro de Tróia queimando
atravessa três mil anos.

Ílio cremada, ira grega esgotada.

Agudo e grego grito esporeia
cavalo que tritura Tróia
com patas de fogo e glória

e lembra verso hiante de fúria nobre
da Patrocleia de Logue.

Eco do futuro tem a forma
do corcel de lei que atropela Tróia
com o simulacro dos cascos epopeicos.

AO TEMPO

I

O tempo tem dentes afiados
e fome infinita
corrói muralhas
constrói muletas
ergue ruínas.

Saciam no destroço e vestígios arqueológicos.
O tempo é uma serpente voraz e veloz
que devora a própria cauda (e tua mente, leitora).

Passa como ônibus cósmico

pela rota das estrelas atentas
pelo cubo das horas curvas.
O tempo devora as crias
e cria a devoração.

É o véu que cobre o trânsito
a foice que prepara o fim.
Como galinha medonha
pousa para a posteridade
desnudo como uma espada que desprezou a bainha.

II

O tempo rodeado de ruínas é servil e feliz
(esse enfermeiro que nos adjudica
e prepara à morte, essa senhora tão inclemente
e poderosa) só a eternidade o derrota.

DE NÓS

De ti conheço o rumo ausente
o silêncio
a vertigem imóvel
um parnaso triste
um árabe rio prata
uma corrente de combalida
e o reversem do jogo findo

de ti conheço além da ausência
o remorso e a certeza de uma pausa.

De mim sei que as ogivas do olvido pesam
e que a cobiça de ti é branca
como cansaço.

POEMA À ROSA

a Rosa que morreu sozinha

À Rosa, rosa que jamais murcha
Rosa que ressurge da tênue
cinza de um domingo.
Que caminha lenta pelo sábado à tarde
tarde que detém o tempo
por alguns íntimos de segundos
rosa que foi às tertúlias da lua
no outro lado, e não voltou a tempo
de saber que somos eternos em cada tarde
e que sob a tenda dos sábados sabemos tudo.
Sabemos que rosa se foi, deixou a árvore
se desfolhou ao vento de Boa Viagem
canto atlântico onde ela singrava
nos mares da calçada
atravessada de ruas e das travessuras
de seu cigarro, companheiro e destino.

POEMAS SENTIDOS

Vai, querida margarida
puelame, pupila
ao som do zéfiro entardecente
fechar pétalas, ouvir a noite
somente pálpebras róseas abrir
quando o sol cantar no horizonte azul
melodias cristalinas, canções brilhantes
odes de lampejos e fulgor certeiro.

Sol foi-se, foice
cerzi-o véu da noite.

Margarida vai dormir
tênue sono a dobra
debrua pétalas deixa
noite cloral assome
aflore um morfeu verde
sobre pupilas aromáticas
narcóticos azuis amares desmaiem.

VAGO POEMA DE SABOR

Morto
apodreço com cerejas
céu decompondo-se
me protege
das injúrias do temor
do ar mutilado
da retina imóvel em que
não pouse borboleta
nem rato se esgueire
pelas órbitas
abóbadas brancas
passagens ósseas
e ecos da caveira
do cego e escuro porto do peito
não vingue azul
nem do limo nômade
nem de velhas náuseas e
venha o normal.

PASSOS EM CRUZ

Passos ébrios, cruzados em varas
passos de um peregrino errante
são também errantes
trilhas para o âmago do nada
marcas que a areia não consome
ventos não dispersam
dúvidas mais do que certeiras
caminho em xis, Carrefour crucial
tesouro de escolho, rios tenebrosos
sombras do abandono, rima de abrolho.

Passos peregrinos numa tarde errante
passos de um adepto são rostos
que revelam a máscara do mundo
(não abutres para o fígado do discípulo)
provas, rastros de que não só a igrejas
de pedra caminham os homens
que buscam o coração das certezas
(místicas, mas não mais humanas).

RÁPIDA ETERNIDADE

Por alguns íntimos
(e pífios) segundos
somos (ou fomos) eternos
tu (leitor) e eu.
As leitoras são eternas
para sempre
porque leem o por vir
e o para que
por necessidade íntima
ou acaso múltiplo.

A TUA INSÔNIA

Insônia não tem úmero, sexo, data, forma, tempo
é estéril, indocumentada, insistente, pastosa
criada por ímpetos disfarçados de pesadelos
sai às pencas do naipe dos olhos.
Não há brecha ou tímpano que a impeça
Aloja-se na liça dos lumes, na órbita do globo
e no íntimo dos cristais cujo desejo
se devolve, sonolência, a caricia cristais
insônia habita âmbito de cálcio, aveia, tiaras
cardumes marítimos, ecos de búzios trêmulos ou
ávidos
insônia das ondas, conchas, ares marinhos
habita umbrais sem nome, cornijas da tarde, átrios
nada sacros, êmbolos, catracas, escombros
e vômitos da manhã, resiste a suor de infernos

a pipocas, pirulitos, relâmpagos (e dores de alfenim)
a cenas pornográficas, orgias e distúrbios
mesmo a eréteis disfunções resiste
sem contar piras semestrais, rotinas e ratos
a insônia é cívica, arquetípica, pútrida.
Além de irritável e indecorosa.

FAZEMO-LA (NOVAS CONFISSÕES)

Minha vida é uma busca
meio que borgeana porém cruciante
busca o único espelho que reflita
meu verdadeiro rosto (sinceramente).
(Apenas peço embora não espere
que seja um espelho perseverante).

Os espelhos de hoje (bem aromatizados
embora efemeramente acobreados
e velozmente frágeis, porém espessos
empecíveis de data industrial e útero duplo
são mentirosos (até o reflexo).

Eu vi nitidamente vi, quando Laprida
(que anela ser homem basto
de sentenças e breviários "lauto e esperanças
e temores bem amalgamados)
encontrar o outro no espelho dúbio de uma noite.
(Seria uma noite árdua e ártica).

NÚMERO DO SILÊNCIO

O silêncio de Pitágoras é da estirpe do infinito
e se faz ouvir nu e preciso
na geografia dos abetos
nas hipotenusas da nudez
e se enrama entre os números do acaso
entre ímpetos das mônadas primárias e gementes
entre as fúrias e os gritos
o silêncio de Pitágoras vibra
penetra condomínios da náusea
farmácias tempestuosas, geometrias bêbadas
tendas em que volúpia se asile
sábados diagonais, domingos gordos
palpita o silêncio de Pitágoras
nas tardes de púrpura ardente da Hélade feiticeira.

Ecoou nas ladeiras dos sentidos
e escadarias do coração
penetrou relógios, moles, vestíbulos rijos
por entre as moléculas de Deus derramou-se
o silêncio de Pitágoras
transmigrou para o riso de Demócrito.

Cristalizou-se em múltiplos orvalhos das sedas da cópula
e nas álgebras veludosas das manhãs áticas.

Átrios o silêncio despedaçou
estraçalhou prélios de cristais de lentos.

Fractaram-se em labirintos desiguais
os meandros do imaginário quando
o silo do silêncio de Pitágoras abriu-se
em copos melancólicos
para cadelas com diademas.

Os precipícios do sal o silêncio tocou
árduas dores contemplou
e às surdas paredes dos labirintos aderiu
o silêncio de Pitágoras é assediado
por esses saciado o silêncio de Pitágoras.

O silêncio de Pitágoras contempla
as planícies da alma, olha
sais nascendo, e a lua
bebendo o leite celeste
entre os catetos do universo
sacia o silêncio de Pitágoras sua fome de grito.

HALOS

Os halos, alguns ritos, auras de rosas
e um tipo de auréola roxa
nos olhavam da escada
de cheiro acre do convento
perfis de sáurios se destacavam
como priores de cobalto e enjoo
simulações de ajeito e despejo
ou luar submerge em formal
também acenaram a meu desprezo
até que um casto monge de gelo
(fazia 13°C em Garanhuns, à madrugada)
parecendo um samurai branco acenou
e tudo escureceu.

Ficou no ar sumo de cacau e lampejo
além de um certo rosto de fumo

Nesse dia jantei halo de rúcula
músculos de alface
limbos e putas.

VOU AO PAÍS DA MARAVILHA SER FELIZ

Todos os machos perderão as virgindades (todas)
defrontarão suas ágeis esfinges
e voltando a dormir com as inocentes mães.

Do vazio âmbito de mim sobe
em torrente sem comporta
a náusea de existir.

Busco impiedoso espelho (vítreo e fátuo)
mercenário ou não
que me retrate o destino
vou (só) a minha mais
secreta álgebra
à equação clara do meu eu
ao axioma de mim
aos labirintos da alma (purgar-me).

Quero ter um desdar. Inlar.
Desdar feliz desdar.
Do súbito âmbito da tarde fluí
ao pastoso crepúsculo.

Sou a minha própria ruína
alma mera colcha de retalhos insana
amo podres escavações
e lençóis pisados.
Sou quem? Afinal!
Sei ser nada vital.

SOBRE VCA OU SOBRE
O QUE SOBRE DE SUA SOMBRA NA OBRA

Ele, VCA, continua desintacto demais.
Acordei hoje novamente impotente
Cristalino, incrédulo, desconformado.
E aprendi que o BLOG SIGA O DEVANEIO
quer desconcentrar, fazer desandar tudo
tudo mudar para continuar mudando o dado.
Descansar, desesperar, desacreditar. Até o incrédulo.
É um blog 10.

Isso se repete há meses, não sei por quê?

VCA realmente não sabia a razão
de tal iniquidade que o desabomina.
Siga o blogue da Blague
e sinta-se mal sempre.

Seja o desvario VCA.
Ou urre de rir e sue de raiva.
O blogue de VCA seria impuderoso
Impudinoso (ou sem açúcar) ou de piedade
reduzida?

Cada acesso ganha um desacerto
ou melhor: um desconcerto
que VCA conserta ao contrário.

É um blogue para blaguear o seguidor.

TECER, IRRESPIRAR E AMARO

Os policromos músculos dos vitrais
as túnicas pegajosas de anjos rebelados
os estribos da demanda (além dos alicates de usura)
a luva atônita de convidado no átrio
o cavalgar de centauros ébrios sob a nave
e o resmungar da selva, tudo
foi grinalda de andorinhas bêbadas
e encharcar de lençóis do linho de lágrimas
de vanádio (porque o amanto é foragido).

Um a um os fios do mistério teci
e no poema bordei um grito alquímico
que deita na página, entre sal e uivo.

Fráguas amo tanto
quanto gestas
como chacina de pombas
e tetos tranquilos
amo frisos de mármore e ossos de rosas
amo notícias de azulejos
e narcisos amo.
Mais do que, açougues e pavilhões cancerosos.

Lampejo rubroso maçarico
numa chusma de ferro
as léguas e léguas do abismo
a manhã fóssil
o cambriano dia seguinte

a chaminé doente
o jogo dos leprosos
os sabores da sombra
o ensejo dos cavalos, nada
comparava-se
a uma vertigem nova em folha
ou lume do sêmen plantando luz
no túnel do útero.

As lãs tão lentas, os tecidos sábios de teu rosto
joelhos que guardavam a treva de pontelhos
a volúpia digital dos dedos
a devorar o desejo
as unções de teu sexo hispano, desejo
e a lentíssima lã de teus dedos
em meus cabelos
e o felino moer do gero a minha boca.

MAKTUIB

De súbito, subreptícia e abruptamente, vi
um eletrodo de capacete (meio azulado)
e gravata borboleta atravessando apressado
a avenida Guararapes, ontem. Ele me
acenou furtivamente de uma página a outra
onde quando eu passava passeando.
Assim estava escrito.

PS. Simbolizando fálica incita mulheres?
Todo poema é acidental.
O acaso é que escreve.
Quem escapará do fluxo digital?
A alma provém da aliança
dos cincos sentidos. Ela é o sexto.
A alma é o destino. O corpo meio
veículo que cansa.
Todo poema exato desdenha o referente.
E jamais se entrega a vãs decifrações.
(Exata ou não).

A Malba Tahan

SULCOS NO PERGAMINHO

No poema é possível erguer sólido e lento
edifício de nuvens (nuvens de lírios)
e empórios de ar, além de oceanos lascivos.

Poeta absoluto vive à sombra do id da palavra.

Estou a fazer cruel poema para abril.

É preciso trair o pensamento
e arrevessar ideias
além de desmobilizar técnica vencida.
Ou gramática cansada. Aposentar sintaxes
e deslumbradas metáforas.
Quando dizes água ou fogo, és. Para SJ.

É da certeza do lírio
e da imensidão doadora da seiva
e do divo lume do verbo
além do alento da luz da palavra
que vem renhida Poesia Absoluta. Para AG.

Morrer lutando não é lá grande coisa
melhor viver de paz na veia
e silêncio no rosto. Boca surda.
Não beber carbono.

Alfinete e mariposas: crueldade diurna.

POÇA DE HINO

A imaginação literária em ato
o imaginário potencial do homem
atualizado em poema, realizando
assim a poesia, são partes íntimas
vitais elementos integrados
à experiência do mundo.
Principalmente, porque poeta (para sê-lo)
não basta escrever (em)verso mas dispor
de uma sólida concepção do mundo, de si
da vida, da sociedade, das coisas
do universo, e adequar-se a ela.

Assim, escrevi a História das sombras
e Poemas de ritmos vermelhos, como outubro.
(Uma poeta escreveu Poemas de rimas vermelhas).

O peso se suspende das coisas e êmbolos
quando poema absoluto irrompe
sem náuseas, só montanhas de viço (e uva)
e poça de hino.

A CATEDRAL
EM NOVE ESTAMPAS

I
Homens fabricam lento crepúsculo
com utensílios de dias turvos.
Sombras vicejam nutridas de treva
locatárias do olho.
Morre luz contorno.
Claridade do ângulo adormece.

II
Catedral dobra séculos
que se ajoelham e lambem
suas lajes silenciosas
fluxo das horas eternas sorvem.

III
Brotam geometrias cegas
das arestas mortas. Vagaroso ângulo
do céu se ajoelha. Fulgores se agacham.
Rumor da catedral lembra fortaleza.
Fera gótica, reza vermelha.

IV
Aves esventradas
ainda nos vitrais gritam
eco do urro ápice galga.
Em volta a noite manicômio escuro
vômito uivante do vento

lábio do beiral depreda
pombas do telhado assusta
(eco de zinco acorda gatos).
Sáurios rastejantes e ágil loba
de tetas atentas bebiam vestígios.

V
Astuciosa e velha catedral se recolhia
a seus metais e unguentos
afagava sulco que filósofos deixaram
em sua carne votiva, ouro
que cardeais esqueceram
em seus vestíbulos curvos
e prece que desesperado no átrio abandonou.

VI
A memória da catedral cripta e pátios espanca.
Sepulta esgar de gozo dos cônegos lascivos.
Cânticos eunucos estertoram entre sais de culpa e pia.
Frágil rosa dos instantes busca raiz das horas
fruto cerrado da vida e emolumentos do tempo vencido.

VII
"E o sedoso
esplendor de sua cúpula
estava embaciado
pelo silêncio
da incipiente noite".

VIII
Na praça esplendia cesto onde
milênios se recolhiam
guardados por cavalheiros insones.
(Veste de aço fazia que sol invejasse
e dos elmos roubasse lampejos).
Reluzentes cruzes iluminavam o sacrifício.
Do adro da velha catedral infernos supuravam
perante lábio de reis infames.

IX
Dos odres do átrio nadavam poemas embriagados.

A voz da cal estremecia capitéis
flores de mármore tremulavam
do peito de estátuas hagiográficas.

E a nave incessante vociferava
contra náufragos anjos das águas blasfemas
embriagados.

MINERADOR DE INFINITUDES, O POETA

Inflamado de abandono (de feérica podridão
assolado)
cadáver da palavra se estiola na campa dicionária
(velório de sílabas, urros lassos, à vela da sintaxe
iluminados).
Assim é o poema velho granito de escatologia
prática.

Cores dilaceradas dos olhos sem trégua branca
mortes despedaçadas e pêndulos arrancados
sob azáfama surda ou sonora dos sinos desprezados
hinos demolidos, sais menstruados
vermes debruçados à mesa da carne em liquidação
(à vista)
sobre repasto podre inclinados
como o surdo entrelaçamento das chancelarias de
outubro
veias culinárias insones como cadáveres
cardumes de pedra cambriana à tona
e tudo inflamado como cadáver, cadáver
de cuja fúnebre boca escapasse
(escapulisse áspero ângulo frio)
alento degenerado.

VELHO SAL

a Alejandra Arce

À medida que sol adense, verticaliza sombras.

À medida que o sal avance, a veia cresce, mesmo
intumesce

Pátios inclinados como o céu
golfos de luz invadindo olhar noturno.

Tarde sobre pedra
debruçada do poente melancólico
num junco triste apoiado
(como coração de assassino).

Horta de chagas viva.

Rumor amorfo, amor ruidoso
ruinosa sina a dos ossos dos hipócritas.

A dor é brasileira. E o pecado.
Deus não O é.

Para todas as dores do mundo.

Verso revolucionário
que mude o pensamento da palavra
e o gesto do leitor.
Voz do verbo mude.

LÁUDANO E HINO

à paciência dos dias

E a rua veia e mim
veia de mim vida
vinda de mim.

Roça tempo plúmbeo
e inválido ou transitório espírito
sempre em eterno trânsito
tempo, modo e alma.
Para infinito desenfado de Deus.

E a cotidianidade exausta
e o tempo perdido no vácuo
das coisas banais (grávidas de usura)
e a hora abatida no ócio do cio.

Écogla de pássaro
voo da palavra
canção noturna.

POR QUÊ?

Porque escrever é à alma escura oferecer
fração de luz do amanhecer do corpo
aproprio-me do verbo criador para
aquecer úmidas situações do ser
ante horda de turvos fenícios (antirromanos)
iluminando a página rude.
São cinzas, ex-chamas, cargas
inóspitas, armazéns que guardam
tonéis de humo, comboios de malva
deslizando pela pele da alma
sequelas de canela, adubos de hortelã
que náufragos anjos estocaram
nas dispensas do céu incendiado
por chispas de estrelas rebeladas.

Porque não admoestar
a maciez do lábio e do monte de vênus
vogais da acácia, lume do abeto
e a totalidade do outono, em ti tão pura.
Porque não olhar fugas do ônix
para cemitérios marinhos e saber
que o tempo de amar passou
e cloacas triunfaram
para vã glória das fezes dominicais.
Porque cristais amordaçados
em vitrais proibidos morreram
punhos rotos da madrugada pereceram
como madrepérolas abortadas

em escrínios sangrando.
Porque escuras máquinas de escrever
murmuram
ladainhas de cimento brusco.

(Por que faço poema?
Porque vou morrer).

VERDADE:

Todo pós coito é deplorável e exaustivo
Os teares morreram.
O páramo também.
O etéreo está à mingua.
Só um sonâmbulo robô persiste
lacerando flores sobreviventes
plasticando rosas.

A máquina é eterna, não o homem.
Só ouço ossos e signos confusos
de dédalos, musgos, apolos e cogumelos.

A idade parou.
Restam festins de baco no birô.

Irreflexão: vitória é algo como
um sibarita displicente.
A loucura é um arbusto que gargalha.

ARREIOS, URNAS E BOLHAS DE WALL STREET S.A.

a Ectábana
ao paralaxe
e aos patíbulos de ouro
onde moeda válida é sexo infantil
a hecatombes de borderôs
e desbêntures sem valor

Arreios e urnas a agiotas de prata
ou compradores dos votos brasileiros.

Escombros de seda sobraram
do último bursátil espetáculo

e destroços azuis de teu coração leiloado.

Nojo de ágio e dor de despojo sobrepujaram
certezas, axiomas, desilusões filosóficas, ameixas.

Pedras biliares que espelhos de cirúrgica prata
retratam
(dispostas à turras nas avenidas vesgas
deterioradas mas graves tundas plásticas
a perambular entre ruínas equatoriais
entre fotos de vísceras amaralhadas), pedras
que palmilhem o último rumo dos caminhos.

Das tendas acústicas onde ainda crepitam

areias beduínas vêm surdas ruínas
como se dilúvios de fogo se estendessem
aos atos hospitalares enfermos e contábeis.

E TUDO FOI NAUFRÁGIO

Estendida das redes célicas estavas
lançando-me a teus olhos
como sinfonias de gladíolos aproximando-se.

Do coro rural das rolas fogoapagou
dos páramos onde a infância se debruçou
ouvirás leitora pedernida que ama antúrios
a mim que não cultuo gerânios
que já ouço teu nome há milanos

úmida sonata de rãs da goiabeira
noturno concerto de gemidos
do palco de riacho perdidos.

Do córrego dos coqueiros
quando a infância naufragou.

ESTREMADURA

"Vede o Tejo! Cascais!
A Torre de Belém que nos seduz!
Lezírias, laranjas,
Sintra! Arrábida! Queluz!

Moimentos de Alcobaça
E Óbidos e Odivelas
Padrões de eterna raça
Que andou nas caravelas.

Velas lusíadas em Varatojo
Sulcando os campos em voo plano:
Terra de pão, gentes de arroio
De D. Afonso e Africano.

São mantas de retalhos, coloridas,
Os campos que além vê o nosso olhar.
Sente-se a terra a germinar em vidas
E um cheiro e húmus entumecer o ar.

No azul, paradas, pairam as cegonhas
Espreitadas os ninhos no cunhal das casas:
E as giriquitas, como que risonhas,
No andar tão leve quase ganham asas."

Extraídos de
"O ALMANAQUE DO PORTO" edição de 1949

ESSA VIDA

A vida, essa onda de espuma quântica
tocata e fuga, sinfonia escura e úmida
catre de albumina (esquizofrênica)
a vida, essa poeira cônica, onímoda
grandiosa, infinitésima, plural e estúpida
sopa espúria, acaso de gametas sem tino
esse abre-e-fecha-te sésamo
átomo anímico, antro do espírito
a vida, esse falso alento químico, sapo ético e lábio
proteica trama, hausto carnívoro

essa renda de DNA e lenda
a vida, essa hábil teia que o esmo torce
o acaso cria com seivas cavas, tece o tempo
e a cruenta morte desata de súbito
com acicates triunfantes (e confusos sinais)
num trânsito pontual e ininterrupto
a vida, essa promíscua sopa
de fermentos dúbios essenciais nuas impuras
a vida, essa conjunção de alma e víbora
essa tropa de manás lascivos
e verdades duras
a vida, essa cria de moneras
a dependência de moedas.

POLITICÁLIA

A miséria não é destino nem solução.
Criatura servil não é (ser criado por Deus).
Penúria não é humana nem animal.
Nem o grito quer ser mudo.
O silêncio vive do seu sal
como ovação de praça
e comício de promessa.
A surdez é do político
que te calha.

Lamento por tua pele
(não pela alma)
e réquiem ofereço
para a safra do futuro
e sementes como pássaros
lanço nos chãos das pausas
e nos interstícios da vida.

ORIGEM
(continuação do poema anterior)

Venho de utopias mecânicas e amestradas sinas
com o cordame da liberdade amarradas
venho de ideias libertárias presa
da armadilha das ilusões mais castiças
venho de rebeldias vencidas
impulsos impotentes
de certezas dissolvidas em ácidos instantes
(nos cadinhos tristes da loucura do amanhã)
pelo aço árido da história
ferreamente diluída
venho de idiossincrasias surdas
como as de Daniel Santiago, cineasta artista.
E de medíocres fermentações do nada que sou
(dos vandalismos do espírito sou vivo fruto)
venho de esperas inconclusas nas salas do desespero
de salmodias ásperas (e musa inquietantes) venho.

VINGANÇA ÍNTIMA E NUA

O texto é livre, a vida presa do instante que é
o nada verdadeiro. Como a circulação do
sentido bloqueada é o percurso da palavra
na página (e na alma), o que traduz só a
nova e velha luta pela expressão da liberdade
em forma de veraz realidade inóbvia.
Sob peso do êxtase ser desaba
entre o instante e a palavra esvai-se a eternidade.
E um mar de sentidos hesita.
A onda odeia a água.
Tudo é fragmentos do todo.
O mundo é um texto (difícil e trêmulo).
O romance da vida a morte finaliza.
Tudo é uma máscara sem rosto. Talvez.
A morte é o rosto do amor. Talvez.
É o amor labirinto sem nome?
Muro desmoronado? Ruína do ardor?
Somos (és, principalmente) trânsito.
Trânsito do nascemorre irreptível, irrestaurável,
definitivo. Eterna é a morte.
Confinados na vida (paredes sem alma)
consumindo tempo continuamente
a alimentar esfomeada alma de banalidades
sem data, de meadas sem volta.
Pois o eterno não retorna.
Como lucidez é ilusão azul e a imaginação
estertora, somos bolotas.
Nem ao menos rumores da realidade percebemos

em nossa impassibilidade benigna perante a vida.
De diálogos estranhos desguiamos.
De fundo, silêncios bloqueamos, sempre, entre
a vileza e o vazio não decidimos, somos só carne
talvez restos ou cinzas de alma acumulemos
detritos de alguma estrela.
Na veia, fermenta o fim, a ameia cede, o
sangue muge, a dor é uma princesa e o
escuro acampa no ser com ímpeto impróprio.
Crepita a labareda do labirinto como oscita
as luzes do candelabro da tempestade.
Rosa encardida respira na pala cardeal, sinal
de que o mundo tende a terminar só para
os homens de boa ou má vontade.
E só resta render juros à dúvida
e ao valor inexpugnável das minúcias dedicar
a vida ou o que seja.

Mães nutrem embriões homicidas.
Do ventre máter sai o corrupto-mor.
à beleza das entranhas
nuas

Que ocultos selos revestirão
a audácia do ser em ser?

Ao corpo fugaz, à solidez da alma.
Ao molibdênio do espírito.
A Deus do ácido céu.
Ao Satã de urânio íntimo.

À corpórea magnésia
Ao transmutado mercúrio
A sublimação do sopro
em barro eterno.

Sub judice até o final: a condenação.

Os selos se racham, fendem as salivas
os juízos se conspurcam, revelações dizimam.
Agitam-se asas e veias.
Orvalho sonoro e inefável poreja.
A Tábua do id exposta regurgita.
As coisas são desiguais, as de cima
mais do que as de baixo.
Do ventre do vento vem o grito do útero.
O sutil é espesso e solitário como o sal.
Energias inferiores alimentam o dínamo do ser.
A luz dos elementos é ébria, braseada, profunda
sólida, relampeja e uiva.
Como águas estendidas sobre mortos crescentes.
Acorrentados a trevas por elos
divinos e ausentes.
O espírito é de água.
Como impotente hortelã
abeiram o Hades as almas.
Que oculta fusão modernize o mundo.

POEMA A ESMO

(por que quiabos e não alfaces?)

Quanto pó o campanário
sem sino ou osso de som acumula
ao longo de século de orações pendulares?

Quanto resta de sombra
ao pé do hálito da estátua
que o sol escande?

E o ubre rubro da moçoila
de que meus lábios desertaram
que árido e mudo bronze alumia?

E sendas que se negaram a pés
caminhos que ficaram ermos
e rotes agora rotas que procuram o vão?

Azul hoje é vazio
e o rumor deserto como fêmur
e a certeza inimiga da verdade.

Silêncio gotejante, pluviosidade parca
tumulto ínfimo, prodigalidade laica
e o poema arcaico.
Porque pequei
pequei, pequeia
e o dízimo não paguei
a remissão foi suspensa

e vou direto sem escala do purgatório
ao mais profundo inferno.

Esse desgosto sem fim ou rosto
que não é o que sinto ou sonho
é o que o destino escreveu
na biografia do espírito meu.

Sinto grã agonia
ao longo do caminho
que a jornada descortina
começando com desejos
findando com um orgasmo
rota que sigo
na contracorrente da vida.

HIPOCRENE

Fantasia não engana, salva

Coice agudo do pétreo casco de Pégaso
desencadeado qual raio de Zeus
solo ferido, ar em pó, chão aberto em concha
vertente água brotando em riste cristalino
arroio emulando com ultrarrios e ferozes córregos
riachos de mandíbulas rumorosas e lentas
atraindo poetas para o fluxo que cria.

Secreta água augusta a poeta embevece
embriaga a palavra, dela dessedentam rimas.

Notas: No Monte Helicón Grécia
clássica, da fonte Hipocrene
das musas bebiam dom do verbo
camaradas poetas
em haustos líricos.

Out/2017

POEMA QUASE LIBERTINO

A ascese é uma mulher.
Fêmea indesfeita. Sei-o
Seios firmes, aptos, invencíveis, socráticos
(e piramidais como o sopro de Deus).
Ascese me ama, o louco que sou, assim
louca que nunca irás a piras de êxtase
me levas, Ascese indubitável.

E assim é o início do poema de todas as ruas
do mundo (que começa em Recife).

Ascese fez-me conhecer a vida nua
o encanto dos objetos depostos (e irredimíveis)
sobre cômodas frias e indiferentes
como uma rã na lua. Gozo inexorável
me espera (e não me desespera a vastidão).
Imagens cruas me assaltam quando só
estou com Ascese – e me avivam.

Como o poema é-o em si, continuo
vago, portável, petuoso, arábico.
Sei que a respiração da palavra é vital
para que o poema se egiptize e
totalize-se. Embora os probos códigos

todos se degringolem, não desisto dessa
árdua carnificina simbólica... e sigo
sem aspas, reticências, vírgulas

sei que o silêncio insuportável e atento
dessas linhas enlouquecidas te insana
leitora de olhos analfabetos, leitor
de ovos incuráveis... ignaro traste
de orfeus de rima e apolos castrados.
Se o silêncio não tem país, a solidão
é um golfo surdo ao abrigo de barulhos.
Com hímens imperecíveis sonho
a cada noite brasileira, ao lado
do cadáver de um verbo meu orgasmo.

De ti possuo o gozo contingente
a nudez estrepitosa.
Sabes que palavras apodrecem
verbos morrem (precisas inumá-los)
e a sintagmas nada melhor que o lixo
ao lado da lareira pois fogo purifica.
E renascem do lápis dos poetas
inteiras, escanhoadas, prontas para a página a alma
escrita.
E o corpo (verbal ou não, humano ou quase)
foi feito para arder de êxtase e usuras
fluir de espasmos e possessões
prenhe da respiração dos pássaros
ávidos de voluptuosas aventuras.
Nunca esqueças tal. Se não, não serás.
À luz dos cabelos vás aos pés amados.
Vás à indecência viva, ao horto sem culpa
vás a fogueiras impávidas (corporais).
10.08.2015

PÓ LAVRES

Rosas brotam das ruínas da aurora.
É manhã nos escombros de setembro.
Começam as demolições da saudade
e a morte dos rumores quaternários começa.

Vês províncias em pedaços
adros arruinados, condados demolidos
comarcas descarnadas, impérios de quatro
e o grito podre dos esgotos se levantando.
Ouça alquímico resfolegar dos detritos
e a proba agonia dos últimos destroços.

Sopros que abandonaram vísceras
abandonadas ao martírio do amor ulíssico
sonos de álamo, lágrimas de cerâmica, frustras
geometrias.
Alma de bétula estraçalhada
e o pranto do orvalho desgraçado pelo sol.

Sonhos de desespero florescendo
herança dura que te legaram: dores
consumidas em meia dúzia de pobres palavras.

INDEFINIDA MEDITAÇÃO À TARDE

Tarde pós cinza do dia
vespertina sobrevive do anoitecer
após meio-dia de lata aborrecida
e luz de pó fuliginosa
tarde para ver mosca da luz
pendurada das réstias
através da veia da vidraça
ou do sangue semovente da barata
tarde que admoesta chaga noturna
sequestra lua
carrega imo do tugúrio
para longe do anjo bege
tarde que morre imprensada
na espessura árida e invisível ocidente.

FILOSOFOPOEMA

O conhecimento do que virá
será o teu martírio, leitora curial curiosa

a hora não mais chegará a ti
pois não (ou já) desvelaste o maquinismo

da vida que é tempo (de pedra)
sepultado numa ampulheta corrupta

se ao tempo o cronológico
sobrepõe-se o simultâneo

perdeste teu sentido horário
leitora vazia (ou acrônica)

e não passas do mero trânsito.
E alumias escombro
com teu verbo sem fiat
(de luz merencória).

Se tempo é convenção
morte é produto da mente.

Se Kant estuprou camareira (em Konisgberg)
por que Lampe não o denunciou
(brandido o candelabro)?

Passado vive em cada rosto

existe como minucioso trator da cútis
e futuro nunca será promissor
mas estado de perda, dano, medo.

A natureza humana é nossa derrota
(alienada como um anjo ou uma porta).

Vício estrada mais larga
todo salubre mera via estreita
(veia onde pó acampe
vida que desorienta)

dor companheira devota
temor ubíqua presença.

Vida merece ser vívida (não vivida)
morte único endereço certo.

(Entre duas fatais datas
na lápide sulcado nome

leitora impotente
prefiras a última
que definitiva).

A AÇÃO CRIADORA DO ACASO

Creio na artística quântica inexplorada.
Na arte quântica da palavra e em sua
indestrutibilidade mecânica.
Poesia quântica meu campo. Ou alquímica.
A palavra ao acaso, a poesia absoluta.
Creio na ação do acaso. Criadora. Absoluta.
Ao acaso da palavra, voa, brota, começa e acaba o
poema.
Absolutamente.
Acaso é liberdade absoluta.
Nada mais livre do que o acaso.
Do verbo, estabelece ou não o poema. Sempre.
Independente de cálculos.
Nenhuns todos, nenhumas pontes, nada de
começos,
meios, fins, istmos, intimidades, moedas,
reinos inóspitos, impropriedades do verbo,
abstinências ou olvidabilidades interessam
à ávida poesia absoluta.

PROPOSTAS

Faça um poema sem ilusão.
Atenção: poema não é ficção.
O romance veio depois de Homero.

ACONSELHOS

Abandone a última ilusão, inclusive
viole a ilusão. Não se dome por ela.
Toda ilusão é deletéria.
A ilusão final é a pior.

ILUSAS NEWS

A morte é uma baita ilusão.
Ilusão não é uma ilha.
Ilusão faz mal ao estômago
(é ácida e cavalga). E depaupera a alma.
E o pior: não adstringe.

Use em vão a ilusão.

Não ande com ilusão ao lado. Cuidado.

VISÕES NÃO FÍSICAS

Os retornos são eternos. Tudo é perpétuo
recomeço.
À exceção da infância, menos a vida.
Escrever é afirmar a solidão, é encontrá-la à mão.
Bebê-la na página percorrê-la.
Escrever é ser solidário à solidão, chama-la à
colação

A escrita é uma forma de conversa com a solidão
modo de escrevê-la retendo-a na lauda.
A solidão é o êxtase do absoluto
o fascínio do vazio vivo, pleno, árduo, intenso.

PARA CATIVAR A FEBRE
(BÔNUS)

É tempo de anjos arruinados.
As glórias se acabaram.
O estoque de verdades baixou muito.
A realidade já não basta.
Viver não é mais conferir
profundidade às atitudes e defeitos.
É tempo de cones tristes e ícones castos.
É chegada a hora da febre interior.
Os vertiginosos limites inultrapassáveis.
Leve umidade à concorrência do tempo.
Pela erosão da sina definitiva.
Toda pureza será proibida.
Não apague as máculas.
Todo desprendimento é ridículo.
Qualquer piedade é mal vista.

BIOGRAFIA DO AUTOR

VITAL CORRÊA DE ARAÚJO. Poeta, escritor, jornalista, auditor do tesouro, bacharel em Direito (advogado), com curso de História e Filosofia. Estágio de administração tributária na Alemanha e especialização sindical na Venezuela, professor do curso médio, conferencista, tradutor, especialista em Jorge Luís Borges. Filho de Deográcia Cavalcanti de Albuquerque Corrêa de Araújo e Cláudio Corrêa de Araújo, neto do poeta Manuel Florentino Corrêa de Araújo (Juiz de Direito, formado na Faculdade de Direito do Recife – UR, em 1930), que, durante mais de uma década, uma vez por ano, a cada 20 de maio, fazia um soneto elegíaco, em memória dos fastos nefastos, ocorridos a 20 de maio de 1915, quando, do parto do primeiro filho – Cláudio – morreu a esposa – Sinhazinha (avó de Vital) – com apenas 16 anos.

A propósito, a romancista, pesquisadora, memorialista e genealogista, psiquiatra e integrante do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Drª. Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque, em seu romance Luz do Abismo, tem,

na trama, o personagem Maneco, em que retrata o poeta Manuel Florentino. Pai de Cláudio Corrêa de Araújo Neto e Murilo Dantas Corrêa de Araújo (Murilo Gun, que, aos 13 anos, foi convidado ao programa de Jô Soares, como o garoto prodígio da Internet e bi-campeão do Ibest, além de integrante do júri oficial, atualmente é ator e humorista, introdutor do stand-up comedy, no Norte/Nordeste).

Vital nasceu em Vertentes-PE. Dos 18 aos 50 anos, foi Fiscal de Rendas (Auditor do Tesouro), exercendo cargo de Subsecretário da Fazenda, Chefe de Gabinete e Diretor da Receita nos estados do Amazonas e Rio Grande do Norte. Foi diretor e chefe da Assessoria da Diretoria Geral da Receita, da SEFAZ-PE, durante 10 anos, com curso de especialização na Alemanha por três períodos, desde 1987. Foi Secretário particular do governador Lavoisier Maia, que é padrinho, juntamente com a ex-prefeita do Natal e ex-governadora do Rio Grande do Norte – Wilma de Faria –, do seu filho, Murilo Gun. Ao longo de 10 anos, foi secretário geral da Associação dos Auditores Fiscais de Pernambuco, de que, durante quatro eleições, foi designado para presidente da Junta Eleitoral. De 1990 a 1995, Secretário-geral da FENAFISCO

(Federação Nacional do Fisco), com sede em Brasília. Presidente (e fundador) da Cooperativa de Atividades Múltiplas – MILLENIUM, de 1998/2001, fundador e diretor – secretário do Instituto Brasileiro PRÓCIDADANIA (Ong), desde 1995. Presidente do Conselho de Recursos Fiscais do Estado do Rio Grande do Norte e Auditor Fiscal (julgador em 1ª instância de processos fiscais) no Estado do Amazonas. Instrutor de cursos de Atualização Fiscal nas Secretarias de Fazenda do AM, RN e PE (Administração Fazendária), bem como diretor e professor do Colégio do CNEG, em Santa Cruz do Capibaribe.

VCA é reconhecido conferencista sobre matéria fisco-tributária nos estados de RN e AM, com várias plaquetas publicadas, além de trabalhos em revistas especializadas. Na área penal, atuou em júris populares, como advogado de defesa em Vertentes e Santa Cruz do Capibaribe e, nesta Comarca, como Promotor ad-hoc, durante dois anos. Obteve 1º lugar nos vestibulares de História, Filosofia e Direito, respectivamente em 1963, 1967 e 1970 e notas 10 em todas as matérias, nos dois primeiros anos, do curso de Direito. Observe-se que, em 1970, verbi gratia, o vestibular de Direito era estruturado em 21 provas (7 matérias), sendo 7 escritas e 14 orais.

Vital Corrêa participou dos três Congressos Brasileiros de Escritores promovidos pela UBE em Pernambuco: o I, de 15 a 17/11/1995, como membro da Comissão Organizadora, e coordenador geral dos outros: o II, de 26 a 28/09/2000, e o III, de 25 a 28/03/2002 (no Recife Palace Hotel); do III Congresso, além de coordenador-geral, foi relator das atividades, conforme consta do Relatório de Execução, inserto às págs. 31/35, dos Anais, organizados e editados por equipe liderada pelo jornalista Hugo Vaz. Coordenou, também, a participação (curadoria literária) da UBE na 3ª Feira Internacional do Livro, de 20 a 27/10/2001, no Centro de Convenções de Pernambuco. Integrou a delegação de PE, comandada por Paulo Cavalcanti, ao II Congresso Brasileiro de Escritores – São Paulo – 1985 (O I foi em 1945). Foi curador das duas primeiras edições da Fliporto e Presidente da UBE-PE, por três mandatos.

I- ENSAIOS/LIVROS SOBRE O POETA (exemplificativo)

A Perversão Poética: entre a tradição e a invenção, do Prof. Catedrático da UFPE, Sébastien Joachim (apresentado no plenário do III Congresso Brasileiro dos Escritores, no Recife Palace Hotel – Boa Viagem – Recife, em 27/03/2002).

Tempo de Poesia (ensaio de César Leal publicado no 2º volume de Dimensões Temporais na Poesia – César Leal – Imago).

O destino poético de Vital Corrêa de Araújo – Sébastien Joachim. Edições Bagaço / Inst. Maximiano Campos – 2009.

A estranha poesia de Vital Corrêa de Araújo – obra organizada por Admmauro Gommes, professor de Teoria Literária da Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul (FAMASUL), Palmares, PE. Recife: Edições Bagaço, 2013.

Vate Vital - obra de Admmauro Gommes, professor da FAMASUL, Aracaju: Gráfica CriAArt, 2018.

II - LIVROS PUBLICADOS:

Título Provisório (Prêmio de Poesia Otoniel Menezes, da Prefeitura Municipal do Natal, o mais importante prêmio literário da época) Edição Fundação José Augusto – 1977.

Burocracial (vários prêmios, inclusive prêmio ESCRITA de poesia – SP) Edições Pirata – 1982.

Poemas com Endereço (antologia, com outros três poetas) Presença Poética Nordeste – 1985.

Gesta Pernambucana (Prêmio Eugênio Coimbra Júnior, Conselho de Cultura da Cidade do Recife, 1985), (Prêmio Nacional, com a maior bolsa financeira do Brasil, integrando a comissão julgadora: Marcus Accioly, Pedro Lyra (UFRJ) e o Editor Cultural do jornal O Estado de São Paulo.

As Flores da Urbe (Prêmio Edson Régis – PEN Clube do Brasil – Recife, 1986. Edição Particular, fora de comércio – 30 exemplares – 1990.

Coração de Areia (Prêmio da Academia Pernambucana de Letras), Edições Fundarpe, 1994.

Gide ou o Desejo, edição particular, fora de comércio 1995.

50 poemas escolhidos pelo autor. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2004.

Só às Paredes Confesso. Edições Bagaço. 2006.

Palpo a Quimera e o Tremor. Edições Bagaço. 2009.

A Cimitarra e o Lume – Edição do autor.

Ora pro nobis scania vabis. Recife: Bagaço, 2010.

Ave Sólida. Recife: Bagaço, 2010.

Bando de Mônadas. Recife: Bagaço, 2011.

Confissões de Vital Corrêa de Araújo. Recife: Edição do autor, 2012.

Crepúsculo do Pênis. Recife: Edição do autor, 2012.

Kant não estuprou a camareira. Recife: Bagaço, 2012.

Borges e Eugénio. Recife: Bagaço, 2012.

Hímen de Mallarmé. Recife: Bagaço, 2012.

ID. Recife: Bagaço, 2013.

Estrutura da obra. Recife: Bagaço, 2015.

Segunda Edição (título provisório). Recife: Bagaço, 2016.

Prosa: futuro arcaico. Recife: Bagaço, 2016.

A poesia salva a alma. Recife. Edição do autor. 2017.

Semata. Edição do autor. Recife. 2017.

Luz de álgebra. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019.

Poesia sal e âncora. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019.

Poesia sem fim. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019.

Fractália lírica. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019.

Quiçá, menos luz... Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

Insólita Clepsidra. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

Dicionário de êmbolos e cajados. Seleção de textos e organização de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2020.

Pálpebras de Pedra. Seleção de textos e organização de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2020.

Mandíbula Eleata. Seleção de textos e organização de Admmauro Gommes. Aracaju: CriAArt, 2021.

LIVROS PUBLICADOS por ordem alfabética

1 - **50 poemas escolhidos pelo autor.** Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2004.

2 - **A Cimitarra e o Lume** – Edição do autor.

3 - **A poesia salva a alma**. Recife. Edição do autor. 2017.

4 - **As Flores da Urbe** (Prêmio Edson Régis – PEN Clube do Brasil – Recife, 1986. Edição Particular, fora de comércio – 30 exemplares – 1990.

5 - **Ave Sólida**. Recife: Bagaço, 2010.

6 - **Bando de Mônadas**. Recife: Bagaço, 2011.

7 - **Borges e Eugénio**. Recife: Bagaço, 2012.

8 - **Burocracial** (vários prêmios, inclusive prêmio ESCRITA de poesia – SP) Edições Pirata – 1982.

9 - **Confissões de Vital Corrêa de Araújo**. Recife: Edição do autor, 2012.

10 - **Coração de Areia** (Prêmio da Academia Pernambucana de Letras), Edições Fundarpe, 1994.

11 - **Crepúsculo do Pênis.** Recife: Edição do autor, 2012.

12 - **Dicionário de êmbolos e cajados**. Seleção de textos e organização de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2020.

13 - **Estrutura da obra**. Recife: Bagaço, 2015.

14 - **Fractália lírica.** Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019.

15 - **Gesta Pernambucana** (Prêmio Eugênio Coimbra Júnior, Conselho de Cultura da Cidade do Recife, 1985), (Prêmio Nacional, com a maior bolsa financeira do Brasil, integrando a comissão julgadora: Marcus Accioly, Pedro Lyra (UFRJ) e o Editor Cultural do jornal O Estado de São Paulo.

16 - **Gide ou o Desejo**, edição particular, fora de comércio 1995.

17 - **Hímen de Mallarmé.** Recife: Bagaço, 2012.

18 - **Insólita Clepsidra**. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

19 - **ID.** Recife: Bagaço, 2013.

20 - **Kant não estuprou a camareira**. Recife: Bagaço, 2012.

21 - **Luz de álgebra**. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

22-**Mandíbula Eleata.** Seleção de textos e organização de Admmauro Gommes. Aracaju: CriAArt, 2021.

23 - **Ora pro nobis scania vabis**. Recife: Bagaço, 2010.

24 - **Pálpebras de Pedra**. Seleção e organização de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2020.

25 - **Palpo a Quimera e o Tremor**. Edições Bagaço. 2009.

26 - **Poemas com Endereço** (antologia, com outros três poetas) Presença Poética Nordeste – 1985.

27 - **Poesia sal e âncora.** Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

28 - **Poesia sem fim.** Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

29 - **Prosa: futuro arcaico**. Edição do autor. 2016.

30 - **Quiçá, menos luz...** Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

31 - **Segunda Edição** (título provisório). Recife: Bagaço, 2016.

32 - **Semata.** Edição do autor. Recife. 2017.

33 - **Só às Paredes Confesso.** Edições Bagaço. 2006.

34 - **Título Provisório** (Prêmio de Poesia Otoniel Menezes, da Prefeitura Municipal do Natal, o mais importante prêmio literário da época) Edição Fundação José Augusto – 1977.

III - A POESIA DE VCA É TEMA CENTRAL NOS LIVROS

A Estranha Poesia de Vital Corrêa de Araújo - Org. Admmauro Gommes. Recife: Bagaço, 2013.
O futuro da poesia. Org. Admmauro Gommes. Recife: Bagaço, 2017.
A Teoria da Poesia Absoluta. Admmauro Gommes. Recife: Bagaço, 2017.
Poesia Pernambucana Hoje. Antologia dos poemas de VCA. Seleção, organização e prefácio de Carlos Newton Júnior (UFPE)
O Destino Poético de VCA - do emérito Prof. Sebastien Joachim.
Vate Vital - Admmauro Gommes. Aracaju: Gráfica CriAArt, 2018.

IV - TÍTULOS INÉDITOS:

Ao Vinho (Prêmio BANDEPE/2002 de Poesia, bolsa Financeira de R$ 10.000,00 (livre de impostos), **Diatribe, Diva ode, Falo, Flauta de pássaro, Haicais Heterodoxos, Lance de Búzios, Simulacro, E SOS Esperança**

V - PUBLICADO EM ANTOLOGIAS
(exemplificativo)

Nova Poesia Brasileira – Org. Olga Savary – Editora Imago – RJ, 1991.

Antologia Poética Prêmio Scortecci de Poesia. SP. 1982.

Antologia Poética – Série Imprensa Pernambucana – organizada por Orismar Rodrigues – Editora Comunicarte – AIP. 1994.

Poesia Viva do Recife (homenagem aos 459 anos do Recife) – Edições CEPE, 1996.

The Poetry – Org Teresinka Pereira / Boulder – Colorado / USA

Clube dos 13 – Poemas de Circunstância Volumes I, II e III Edições Pasárgada / FUNDARPE – 1994 (Seleção de 30 poemas de cerca de 300 elaborados em guardanapos em mesas de bares ao longo de 10 anos, com Edgard Powell e outros).

A Fotografia e seu Poema – Exposição 1989 (Flávio Azevedo).

A Pintura e a Poesia – Exposição – Ana Montenegro, 1989.

Coletânea Poesia e Pintura POETAS DA RUA DO IMPERADOR, 1987. Organizada por Vital Corrêa de Araújo (Fundador do Movimento, com Iran Gama e Paulo Bandeira) e outros.

46 Poetas, Sempre. Org. Almir Castro Barros, por delegação da UBE), Edições Bagaço, 2002 – IIII Congresso. Recife Palace Hotel.

Espiral Revista de Literatura, Editor João Dummar Filho, 2002 – Ceará.

Álbum do Recife (organizado por Jaci Bezerra) – 450 anos de fundação da Cidade do Recife – Prefeitura do Recife (tendo o poema Recife do Povo ilustrado pelo pintor João Câmara) – 1987. ·

Poèsie du Brésil, organizada pela poeta e tradutora Lourdes Sarmento, edição bilíngue da Editora Varicuetos/Chemins Scabreux, Paris – 1997

Mormaço e Sargaço (poesia) 1998.

Poemas de Sal e Sol (poesia) 1999, organizadas por Benito Araújo.

Água nos Trópicos – Poetas Contemporâneos, organizada por Lourdes Sarmento e Beatriz Alcântara, dentro do projeto literatura nos trópicos – Editora Bagaço e Governo do Ceará – 2000.

Antologia de Poetas Nordestinos – Organizada por Benito Araújo – Edições Micro/2000.

Fauna e Flora nos Trópicos. Seleta de Poemas. Beatriz Alcântara e Lourdes Sarmento (organizadoras) Secretária da Cultura e Desporto do Estado do Ceará (SECULT) Fortaleza – 2002. Diário do Natal (RN) Suplemento Cultural – Diário Oficial de PE.

ACADEMIAS/ASSOCIAÇÕES

Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro, tendo como patrono de sua cadeira (por escolha própria) o Poeta Paulo Bandeira da Cruz.

Associação de Imprensa de Pernambuco (como membro titular).

PEN Clube do Brasil (Secção de Pernambuco), onde exerceu o cargo de Primeiro Secretário.

UBE-PE, tendo exercido o cargo de Diretor de Imprensa e Diretor-Secretário na gestão de Paulo Cavalcanti, quando reabriu a UBE, em 1984, fechada há mais de 20 anos pela ditadura de 64; o de Tesoureiro, já por sufrágio, na 1ª eleição (25.12.1984), após o ressurgimento da UBE, em que Paulo Cavalcanti foi eleito presidente, e Diretor e Administrador Geral desde 1995. Em 17.01.2003, foi eleito Presidente da UBE. · Diretor Administrativo da AIP, eleito em 2005.

Prêmio com bolsa Financeira Jornal da Cidade de Bauru-SP, 1976.

UBE-GO – Concurso CIAASA Poemas de Amor (1984)

Revista ESCRITA-SP – 1984;

Prêmio Otoniel Menezes, da Prefeitura do Natal – 1977;

Prêmio Eugênio Coimbra Júnior, do Conselho Municipal de Cultural, da Prefeitura da Cidade do Recife – 1985;
Academia Pernambucana de Letras – 1994 / 2000 / 2007.
PEN CLUBE DO BRASIL – Secção de Pernambuco – Prêmio Édson Régis – 1986.
Prêmio BANDEPE de Poesia 2002 (Valor líquido da bolsa: R$ 10 mil) entregue em solenidade no Arcádia Apipucos, em 21/03/2002.

VI - CONFERÊNCIAS E PALESTRAS

Conferencista do painel coordenado pelo advogado Urbano Vitalino, em que discorreu sobre o tema POESIA: O Mistério da Palavra, ao lado do poeta Carlos Nejar, no dia 24/10/2001, na 3ª Feira Internacional do Livro.
Palestra sobre poesia em evento cultural do SINDIFISCO, em Recife (1998).
Palestra sobre poesia em evento cultural da Secretaria da Fazenda. (1997).
Explanação sobre poesia para 35 alunos do curso primário do Colégio São Luís (sede da UBE) / 1999.
Palestra sobre Poesia Moderna, em várias instituições.

Palestra sobre Poesia Pernambucana, em Dusseldorf (Alemanha) 1987/1999.

Palestra sobre Poesia Brasileira, em Caracas (Venezuela) na Livraria El Ateneu, (Teatro Colón) em 1996.

Palestras como Presidente da UBE em eventos diversos, congressos, festivais, como Flig e Fliporto.

Integrante de Comissão Julgadora de CONCURSOS CETEPE de Poesia (com Paulo Bandeira da Cruz e Iran Gama).

Prêmio Otoniel Menezes, da Prefeitura Municipal do Natal, 1978.

Prêmio Eugênio Coimbra Júnior, da Prefeitura da Cidade do Recife – 2002.

Biblioteca Pública de Afogados (2002), com Lucilo Varejão Neto e Heloisa Arcoverde. 2004 e 2005.

Prêmio Carlos Pena Filho, do Bar Savoy e Commercio Cultural, com Marco Pólo e Bezerra de Lemos, entregue no lançamento do Livro de Carlos, de Edilberto Coutinho.

Concursos literários da SEFAZ-PE, UBE e Diário da Manhã (do qual foi editor por 3 anos do caderno cultural).

VII - ENCICLOPÉDIAS / DICIONÁRIOS / INSTITUIÇÕES

Integra:

Enciclopédia de Literatura Brasileira, de Afrânio Coutinho e J. Galante de Souza (1ª edição) e Atual edição (Global Editora 2001), revista, ampliada e atualizada por Graça Coutinho e Ria Moutinho.

Sociedade Brasileira de Língua e Literatura (Leodegário A. de Azevedo Filho).

Dicionário Bibliográfico de Poetas Pernambucanos, organizado por Lamartine Morais – Fundarpe, Recife/1993.

Membro-correspondente da Revista ELAN (Poétique, Littéraire et Pacifist), editada por Louis Lippens, há 50 anos, sendo o único representante brasileiro desde 1987, ao lado de outros de 71 países.

Foi correspondente do lendário jornal alternativo Nação Cariri, editado no Ceará, pelo poeta Rosemberg Cariri.

Foi Primeiro-Secretário (em 2001) do Rotary Santana (Recife), de que foi fundador.

Curso de Aperfeiçoamento na Alemanha (Renânia do Norte / Vestfália / Solingen / Dunsseldorf sobre Sistema de Arrecadação – Jun/Out, 1987).

Curso de Aperfeiçoamento (Política e Realidade Sindical Latino-Americana) na UTAL – Universidade dos Trabalhadores da América Latina,

da CLAT – Central Latino-Americana de Trabalhadores, no período de 07 a 27 de abril de 1991 (Caracas – Venezuela).

Curso de Aperfeiçoamento na Alemanha, na Escola Fazendária de Haan / Renânia do Norte / Vestfália, sobre Inteligência Fiscal – 1995.

Liderou grupo de 30 brasileiros e foi Instrutor em curso de Sindicalismo Moderno, na UTAL / CLAT, San Antonio de los Altos – Venezuela, 1996.

Liderou grupo de 50 Auditores Fiscais de 16 estados brasileiros, que participaram de curso na Alemanha (Escola Fazendária de Haan, Renânia do Norte-Vestfália), de 20/08 a 15/09/1999.

VIII - HOMENAGENS / COMENDAS / DIPLOMAS

ASCDESF – Associação Socioculturall dos Docentes do Ensino Superior da FUNESO. "Poema esculpido no pedestal da estátua de Augusto dos Anjos, juntamente com poemas de Marcus Accioly e Mauro Mota (o último que ele criou), que está ereta na Praça da República e foi obra de Abelardo da Hora e Luiz Pessoa.

UBE – RJ

UBE – São Paulo

Comenda do Governo do Estado de Pernambuco e do Gabinete Português de Leitura.